



SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA 2026.1

LINGUAGENS EM PERSPECTIVA:

TECNOLOGIAS, PRODUÇÃO DE
SENTIDOS E VOZES SOCIAIS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES**

REITOR

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA

VICE-REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU

DIRETORA DO DLA

ÉLIDA PAULINA FERREIRA

COORDENADOR DO PPGL

ROGÉRIO SOARES DE OLIVEIRA

COORDENAÇÃO GERAL DO EVENTO

ANDRÉ CAVALCANTE BARBOSA DA SILVA

DIAGRAMAÇÃO DO CADERNO DE RESUMOS

AISSA LAUANY SANTOS DE ALMEIDA

COMISSÃO ORGANIZADORA

ANDRÉ CAVALCANTE BARBOSA DA SILVA

EDIELLE SANTOS MOURA

ÉMILE ASSIS MIRANDA OLIVEIRA

AISSA LAUANY SANTOS DE ALMEIDA

APRESENTAÇÃO

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) é um momento extremamente importante do desenvolvimento das pesquisas de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA). O evento faz parte das atividades obrigatórias dos estudantes vinculados ao nosso PPGL, sendo o primeiro momento da apresentação das pesquisas em andamento para à comunidade científica, com debatedores internos ao programa e outros externos.

Linguagens em perspectiva: tecnologias, produção de sentidos e vozes sociais dá título ao nosso encontro de 2026.1, que ocorreu, via google meet, nos dias 07 e 08 de julho. As 10 (dez) pesquisas de doutorado se dividiram em três eixos, quais sejam: I) Linguagens, gramáticas e construção de sentidos; II) Linguagens, emoções e inteligência artificial, e III) Linguagens, racialidade e gênero.

Este caderno de resumo deixa registrado a importância da pesquisa realizada no nosso Programa e divulga, também, para a sociedade as reflexões científicas que estão sendo realizadas na Universidade Pública.

Agradecemos à coordenação e secretaria do PPGL-UESC, aos professores orientadores das pesquisas em andamento e aos debatedores do evento, os quais citamos nominalmente: Roberto Carvalho, Valéria Viana Sousa, Vânia Aquino Santiago, Urbano Cavalcante Filho, Gysele Colombo Gomes, Ronaldo Corrêa Gomes, Wolney Almeida, Aryadne Bezerra, Amara Moira, Júlio Araújo e Maria Dolores Sosin Rodriguez.

COMISSÃO ORGANIZADORA

ANDRÉ CAVALCANTE BARBOSA DA SILVA

EDIELLE SANTOS MOURA

ÉMILE ASSIS MIRANDA OLIVEIRA

AISSA LAUANY SANTOS DE ALMEIDA

SOBRE O PPGL

O Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, em nível de mestrado e doutorado, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) procura responder a demandas pelo empoderamento de grande parcela da sociedade brasileira, como as culturas indígenas e afrodescendentes, as mulheres, LGBTQIAP+ e demais representantes da diversidade sexual e de gênero. Considerando que, muitas vezes, essas minorias não obtiveram consideração nos registros históricos do país e no seu cânone literário, nem na disseminação da Cidadania e dos Direitos Humanos, as possibilidades de reversão dessa lógica orientam a formação discente e docente do Programa, desde o efetivo início das suas atividades em 2008.

Trata-se, assim, de um programa de pós-graduação no qual é possível abordar objetos de pesquisa de forma não excludente, o que constitui alternativa aos programas tradicionais, que dão ênfase, sobretudo, aos bens simbólicos previamente legitimados pela Academia. No contexto pós-industrial, trata-se de uma perspectiva que, longe de desmerecer os enfoques do passado, só faz ampliá-los para solicitar atenção redobrada ao diálogo entre saberes e campos do conhecimento.



LINHAS DE PESQUISA

Linha A: Literatura e Interfaces

Em perspectiva transdisciplinar, as pesquisas privilegiam produções literárias e representações em zonas de diálogo com a história, a memória e as relações étnico-raciais, transitando por perspectivas teórico-críticas que problematizam saberes/poderes hegemônicos. A linha constitui-se por três eixos: i) Literatura, história e memória; ii) Literatura, identidade e diferença; e iii) Literatura e outras artes e saberes.

Linha B: Estudos da Língua(gem)

Os estudos desta linha voltam-se para pesquisas sobre a língua(gem) tanto na sua dimensão formal quanto na prática social. A linha constitui-se por três eixos: i) Discurso, argumentação e ensino; ii) Estudos em descrição e análise linguística; iii) Estudos em Linguística Aplicada.

Linha C: Linguagem, Estudos de Gênero e Estudos do Discurso

Estudo de práticas discursivas e linguagens literária, audiovisual e outras destacando a diversidade étnico-racial e dissidências de sexos, orientações sexuais e identidades de gênero, assim como políticas do corpo que transpassam o processo de assujeitamento (ou as formas de subjetivação contemporâneas) e as práticas de dominação/resistência. A linha constitui-se por dois eixos: i) Linguagem e Estudos de Gênero; ii) Linguagem e Estudos do Discurso.



SUMÁRIO

Eixo I: Linguagens, gramáticas e construção de sentidos.....08

CONSTRUÇÕES INTENSIFICADORAS [[X] VAI [Y]] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: UM PAREAMENTO DE FORMA E SENTIDO.....09

VERBO-SUPORTE CAIR: uma análise pancrônica de propriedades formais e funcionais.....17

O EMERGIR DOS SENTIDOS AO TOQUE DAS MÃOS.....25

Eixo II: Linguagens, emoção e inteligência artificial.....36

EMOÇÕES E REFLEXÃO DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO EMOCIONAL CRÍTICO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS.....37

PRÁTICAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO INSTAGRAM: A CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO EMOCIONAL DIGITAL PARA O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.....44

OS PROCESSADORES DE LINGUAGEM NATURAL EM LARGE LANGUAGE MODEL DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS GENERATIVAS: A INVENÇÃO TECNOLÓGICA DE UMA TEORIA DA ENUNCIÇÃO.....56

Eixo III: Linguagens, racialidade e gênero.....65

PAI, PAI E MEU IRMÃO, EU MESMO DE JOÃO SILVÉRIO
TREVISAN: O(S) (NÃO) AFETO(S) EM UMA PARENTALIDADE
PRESUMIDA.....66

EU SOU A PALAVRA MONSTRUOSA QUE VOS FALA: UMA
AUTOHISTÓRIA-TEÓRICA TRANS.....74

LITERATURA E GÊNERO: (DES)CONSTRUINDO
REPRESENTAÇÕES NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO
BÁSICA.....84

DAS RODAS ÀS PÁGINAS: O BALANCÊ DA LITERAGINGA NA
LITERATURA DE AUTORIA NEGRA BRASILEIRA.....92

The background features a solid blue field with a large white rounded rectangle in the center. This rectangle is decorated with several blue geometric elements: a semi-circle at the top center, a horizontal bar below it, two vertical bars on the right side, three horizontal bars on the left side, and a semi-circle at the bottom left corner.

EIXO I:

LINGUAGENS, GRAMÁTICAS E
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

CONSTRUÇÕES INTENSIFICADORAS [[X] VAI [Y]] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: UM PAREAMENTO DE FORMA E SENTIDO

Clébia Rocha Lima Lira¹
Gessilene Silveira Kanthack (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

O uso da língua mobiliza e articula conexões de naturezas diversas: estruturais (referentes à configuração formal da gramática), cognitivas (vinculadas a processos de domínio geral, fundadas na experiência humana) e pragmático-discursivas (de ordem intralinguística e extralinguística, que envolvem e configuram a cena comunicativa) (Furtado da Cunha, Bispo, Silva, 2014). Essas conexões permitem aos falantes produzir inúmeras estratégias linguísticas para comunicar e marcar seus posicionamentos, em uma dinâmica que reflete a dinamicidade da língua.

Uma dessas estratégias é a *intensificação*, um processo que, a partir da representação cognitiva, permite a produção de construções gramaticais abstratas e intersubjetivas “com funções discursivas e pragmáticas de compartilhamento de avaliações sobre coisas do mundo” (Justino; Casseb-Galvão, 2020, p. 639). Para ilustrar, seguem, *italicizadas*, algumas construções do português brasileiro contemporâneo que evidenciam esse tipo de estratégia:

- (1) “O novo técnico da seleção é geminiano do dia 10 de junho, agora *o bicho vai pegar*” (Aplicativo *Threads*).
- (2) “agora que foi declarado guerra e só esperar uma hora ou outra *o trem vai feder*” (Aplicativo *Threads*).
- (3) “*A chapa vai esquentar* entre Musk e Zuck” (Aplicativo *Threads*).
- (4) “onde não houver justiça *a VINGANÇA VAI TORAR!*” (Aplicativo *Threads*).
- (5) “*A bomba vai explodir* e o Brasil vai ficar livre dessa corja que se instalou no PAÍS...” (Aplicativo *Threads*).
- (6) “*O Caldeirão vai ferver!* Vasco anuncia ingressos esgotados para estreia (Terra-GN).

Observamos que essas unidades são empregadas com o objetivo de intensificar o que é dito pelo falante, podendo marcar mudança de situação, desfecho negativo, competição acirrada

¹ clebialima2006@hotmail.com Bolsista CAPES

² gskanthack@uesc.br

ou eventos de grande repercussão. Notamos que, estruturalmente, a construção que desempenha a função de intensificar instancia o esquema *[[X] Vai [Y]]*, no qual o primeiro *slot* (X) é preenchido por um sintagma nominal (composto por artigo e um lexema representativo de entidade animada ou inanimada), seguido pela parte fixa da construção, verbo auxiliar *ir* flexionado em terceira pessoa do singular (*vai*), e o segundo *slot* (Y), composto por um verbo principal no infinitivo.

Com o objetivo de compreender e explicar como se caracterizam formalmente e funcionalmente o tipo de construção ilustrado, esta pesquisa de doutorado fundamenta-se em pressupostos teóricos-metodológicos da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Traugott, Trousdale, 2021 [2013], entre outros), perspectiva que pressupõe a língua como uma rede de construções em constante transformação, cujas análises levam em consideração a relação inerente entre forma e sentido estabelecida no uso da língua.

Para a realização da pesquisa, recorreremos a um *corpus* compilado a partir de dois ambientes digitais: a plataforma *Google Notícias*³ e a rede social *Threads*⁴, por se constituírem como espaços dinâmicos de comunicação e permitirem a observação de diferentes níveis de linguagem, +/- formal.

Especificamente, o estudo será guiado pela seguinte questão: quais são as propriedades formais e funcionais que caracterizam as construções intensificadoras instanciadas por *[[X] Vai [Y]]* no português brasileiro contemporâneo?

Como hipóteses, formulamos: no plano formal, a expectativa é (i) encontrar os *slots* de [X] e [Y] preenchidos por vários itens lexicais e (ii) constatar forte integração morfossintática entre eles; no plano funcional, o esperado é (iii) que as construções apresentem nuances semântico-pragmáticas positivas ou negativas, nuances graduais para mais ou para menos, e que (iv) elas estarão associadas a contextos discursivos diversos

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Investigar propriedades formais e funcionais das construções intensificadoras instanciadas por *[[X] Vai [Y]]* no português brasileiro contemporâneo.

³ Plataforma do *Google* que reúne notícias nacionais e internacionais de diferentes fontes de informação (jornais, blogs e portais).

⁴ Rede social criada pela Meta e vinculada ao *Instagram* que permite a divulgação de textos curtos (até 500 caracteres) com possibilidade de inclusão de *links*, fotos e vídeos.

Objetivos específicos

- Coletar, no *corpus*, as construções intensificadoras [[X] *Vai* [Y]];
- Reconhecer formalmente os itens lexicais que ocupam os *slots* X e Y;
- Analisar o nível de integração morfossintática dos itens;
- Descrever as nuances semântico-pragmáticas da construção;
- Identificar os contextos discursivos associados a cada construção;
- Atestar a produtividade das construções, a fim de certificar o grau de convencionalização/rotinização;
- Elaborar proposta de intervenção didático-pedagógico, no formato de caderno de atividades, para dar conta de estratégias de intensificação pouco estudadas/conhecidas no ambiente escolar.

JUSTIFICATIVAS

A intensificação corresponde a “um expediente pragmático da linguagem com o qual o falante compartilha impressões do estado das coisas de seu contexto sociocultural, refletindo suas experiências cognitivas nas estruturas linguísticas” (Justino, 2018, p. 107). Com base nesse pressuposto, esta pesquisa assume que as construções que seguem o padrão [[X] *Vai* [Y]] possuem caráter intensificador, uma vez que permitem ao falante expressar diferentes gradações de sentido a respeito do que diz. Assim, compreender e explicar esse tipo de construção, levando em consideração as suas propriedades formais e funcionais, é uma das razões que justificam a realização desta pesquisa, pois, com ela, podemos ampliar a rede de construções intensificadoras do português brasileiro contemporâneo.

Destaca-se, ainda, que a pesquisa poderá contribuir para difundir os estudos que descrevem e explicam os fatos linguísticos a partir dos seus usos, bem como fortalecer as discussões no campo da Gramática de Construções, aparato teórico que concebe a língua como uma rede taxonômica de construções, entendidas como pareamento de forma e sentido. Nessa perspectiva teórica “cada construção constitui um nó na rede taxonômica das construções” (Croft, 2001, p. 25), uma rede hierárquica a partir da qual as entidades linguísticas são acolhidas e correlacionadas.

Somado ao interesse acadêmico, o estudo é motivado pela necessidade de articular os conhecimentos adquiridos à luz das teorias que dão conta da língua em uso com as práticas de

ensino de língua portuguesa. É necessário ressaltar que o ensino de língua portuguesa ainda é delineado por abordagens tradicionais que limitam a percepção da língua como um instrumento plural e dinâmico. De modo geral, observa-se uma carência de ações de caráter epilinguístico, a partir das quais os/as estudantes possam refletir sobre os recursos expressivos que estão usando, a expressividade do léxico na construção dos sentidos e/ou mesmo a respeito da variação de sentidos que uma mesma expressão pode apresentar em diferentes contextos de uso. Nessa direção, reconhecemos a urgência da promoção de práticas pedagógicas que possibilitem a compreensão do formato das estruturas, do seu caráter de unidade, dos seus valores semânticos, pragmáticos e discursivos, como é o caso do nosso objeto, construções intensificadoras.

Com relação às construções *[[X] Vai [Y]]*, embora sejam produtivas na língua em uso, são negligenciadas por instrumentos que guiam o ensino de língua portuguesa, a exemplo de gramáticas de orientação normativa e livros didáticos, que normalmente as categorizam como expressões idiomáticas, reduzidas ao status de “expressões interessantes da nossa língua” ou “curiosidades a respeito da língua”, que, basicamente, aparecem em posições periféricas, dando a entender que elas denotam valores estigmatizados e que são estruturas pouco convencionalizadas na língua.

Sobre o levantamento bibliográfico realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, encontramos alguns estudos que analisaram o fenômeno da intensificação. Dentre eles, destacamos a tese de Mota (2023), que analisou a configuração formal-funcional de construções intensificadoras com lexemas de cor no português; a dissertação de Silva (2022), que mapeou, analisou e descreveu pancronicamente, no português do Brasil, as expressões sincrônicas do tipo *MóX* como construções de informalidade e intensificação; a dissertação de Scaldelai Salles (2020), que analisou os subesquemas intensificadores *[morto de [X]]*, *[podre de [X]]* e *[[X] pra caramba]*, com o intuito de verificar o processo de construcionalização dessas construções; e a tese de Silva (2008), que analisou as motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação. Do levantamento feito, não registramos trabalhos sobre a construção que elegemos como objeto, justificando, portanto, a realização desta pesquisa que poderá contribuir para a ampliação da rede de construções intensificadoras do português brasileiro.

APARATO TEÓRICO

Sob a perspectiva da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001;

Traugott; Trousdale, 2021 [2013]; Bybee, 2016), a construção (lexical e gramatical) é definida como um pareamento convencionalizado entre forma e sentido. Nessa abordagem, o foco não está na análise dos itens isolados, mas na “instanciação dos esquemas, na relação entre subpartes e seu nível de vinculação” (Rosário; Oliveira, 2016, p. 239).

Para Traugott e Trousdale (2021 [2013]), as construções são unidades simbólicas, uma vez que articulam signos e junções arbitrárias de forma, e unidades convencionais, visto que são compartilhadas por diversos falantes. Sobre isso, Goldberg (2006) ressalta que qualquer padrão linguístico convencional pode ser reconhecido como uma construção, por exemplo, morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões frasais, lexicais e mesmo sentenças inteiras.

Para explicar a construção, é necessário levar em conta as dimensões em termos de semelhanças e diferenças. Para dar conta desse aspecto, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) propõem três propriedades: esquematicidade, composicionalidade e produtividade.

A esquematicidade refere-se ao grau de abstração de uma construção dentro da rede construcional. Ela possibilita ao falante reconhecer se uma construção apresenta uma estrutura mais ou menos aberta, mais ou menos fixa em relação ao preenchimento dos *slots* projetados, os espaços vazios que serão preenchidos pelos itens linguísticos. No caso de nossa construção, assumimos que ela é parcialmente esquemática, pois há uma parte fixa, preenchida pelo “vai”. As outras partes, [X] e [Y], são abertas, podendo alocar itens lexicais diversos.

Com relação à composicionalidade, refere-se ao grau de transparência entre a forma e o significado/sentido da construção, podendo atingir o nível semântico (soma dos significados das partes) e o nível sintático (nível de integridade morfosintática das subpartes). No que tange às construções intensificadoras, assumimos que elas são menos composicionais, visto que não é possível compreender os seus significados considerando os valores semânticos dos itens isoladamente, mas em sua totalidade/unidade.

Por fim, a propriedade da produtividade é descrita por Traugott e Trousdale (2021 [2013]) como um fenômeno gradiente e envolve a frequência de uma construção, ou seja, por meio dela é possível constatar que, quanto mais o falante aciona uma construção, mais rotinizada e cristalizada ela se tornará na língua. É válido ressaltar que a rotinização impulsiona diferentes modos de conceptualização e representação na mente dos falantes, implicando diretamente nas suas escolhas linguísticas. Nesse processo, os falantes acionam construções para atender as demandas comunicativas em um determinado contexto e, em outras situações, reorganizá-las conforme as suas necessidades de expressão.

As propriedades da esquematicidade, composicionalidade e produtividade nos

possibilitam compreender as construções linguísticas em seus aspectos formais e funcionais. Assim, defendemos que elas nos subsidiarão na descrição e explicação das construções intensificadoras instanciadas por [[X] *Vai* [Y]] no português brasileiro contemporâneo.

METODOLOGIA

Dada a relevância dos ambientes virtuais para a observação do uso dinâmico da língua, escolhemos duas plataformas amplamente difundidas no Brasil para buscarmos as construções instanciadas pelo esquema [[X] *Vai* [Y]]. Assim, o *corpus* de análise desta pesquisa será composto por títulos de notícias extraídas do *Google* Notícias e por interações (mensagens e comentários) de perfis públicos da rede social *Threads*. A escolha desses ambientes justifica-se pela possibilidade de captar a língua em diferentes níveis de (in)formalidade, o que pode favorecer o uso de padrões emergentes, como é o caso das construções que o nosso esquema possibilita.

Para a busca inicial, focalizamos em perífrases compostas pelo verbo *ir* (flexionado no presente) seguido de um verbo principal no infinitivo (ex: *vai pegar*, *vai ferver*, *vai explodir*). Priorizamos as ocorrências que manifestavam caráter intensificador no contexto, funcionando como um expediente pragmático para compartilhar impressões e experiências cognitivas do falante. A coleta incipiente foi realizada entre os dias 15 de janeiro e 15 de março de 2026, no intervalo entre 18h e 22 h. Acreditamos que tal recorte temporário favoreceu a coleta de um volume mais expressivos de dados, devido ao fato de as duas plataformas já terem sido bastante atualizadas durante o dia.

Quanto aos procedimentos de análise, a pesquisa adota o método misto conforme proposto por Cunha Lacerda (2016). A partir da abordagem qualitativa identificamos os padrões construcionais, considerando-se os aspectos formais (propriedades morfossintáticas e lexicais) e funcionais (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), e, a partir da abordagem quantitativa, aferimos a produtividade das construções por meio das frequências *type* (tipos de padrões e propriedades) e *token* (número de ocorrências).

DISCUSSÃO

O *corpus* constituído, até o presente estágio da pesquisa, permitiu o mapeamento de catorze tipos de construções instanciadas pelo esquema [[X] *Vai* [Y]]. Durante o período de sessenta dias de coleta ininterrupta, identificou-se uma média de 2.000 ocorrências, atestando

a produtividade desse padrão em ambientes digitais e reforçando a ideia de que esses usos têm sido amplamente acionados pelos falantes

No plano formal, percebemos uma assimetria entre os *slots* da construção. No *slot* de [X], constatamos uma expressiva variabilidade lexical, podendo ser tal espaço preenchido por lexemas de diferentes naturezas, como entidades concretas (pessoas, animais, objetos, materiais), abstratas (clima, ar), genéricas (coisa, negócio), institucionais, geográficos ou coletivos (Banco Master, Brasil, cidade/bairro, nação). Já, no *slot* de [Y], verificamos a presença de uma lista mais restrita de verbos associados a campos semânticos de ruptura e impacto físico (quebrar, torar, explodir, estourar), metáforas de calor e temperatura (esquentar, fumar, ferver), movimento (cair) e percepção sensorial (feder, gemer, tremer), dentre outros. Embora o esquema canônico da construção siga o padrão [[X] *Vai* [Y]], notamos que ocorre a inversão sintática, ou seja, há casos em que a locução verbal precede o sujeito como em “*vai ferver o caldeirão!*”, “*vai quebrar a economia*”, etc.

Quanto ao plano funcional, a amostra aponta que as construções apresentam tanto nuances semântico-pragmáticas que variam entre polos positivos (euforia, sucesso, êxito, persistência, popularidade) quanto negativos (hostilidade, conflito, tensão, ruína ou colapso). Observamos ainda que uma mesma construção pode apresentar dupla nuance a depender do contexto discursivo em que se encontra empregada.

Por fim, no que se refere aos contextos de usos, a amostra apontou que o esquema é acionado em variadas situações comunicativas, destacando-se as esferas da política, economia, judiciário, esportes, entretenimento e mídia.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Ed. Cortez, 2016 [2010].

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES**. Disponível em: catalogodeteses.capes.gov.br. Acesso em: 29 jun. 2025.

CROFT, W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. **Gragoatá**, [S. l.], v. 19, n. 36, 2014. DOI: [10.22409/gragoata.v19i36.32985](https://doi.org/10.22409/gragoata.v19i36.32985). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32985>. Acesso em: 19 jun. 2026.

GOOGLE. **Google Notícias**. Disponível em: news.google.com. Acesso em: ago. 2024-maio. 2025.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

JUSTINO, A. R. **Construções focalizadoras x que só no português brasileiro**. Orientadora: Vânia Cristina Casseb-Galvão. 2018. 147 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: repositorio.bc.ufg.br. Acesso em: 29 jun. 2025.

JUSTINO, A. R.; CASSEB-GALVÃO, V. C. A rede construcional do esquema focalizador [que só] no português brasileiro. **Gragoatá**, v. 25, n. 52, p. 627-647, 21 set. 2020. DOI: 10.22409/gragoata.v25i52.40830. Disponível em: periodicos.uff.br. Acesso em: 29 jun. 2025.

META. Threads. In: **Instagram**. Disponível em: threads.com. Acesso em: ago. 2024-maio. 2025.

MOTA, N. A. **Construções intensificadoras com lexemas de cor em tweets sob uma abordagem socioconstrucionista**. Orientadora: Márcia dos Santos Machado Vieira. 2023. 276 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: posvernaculas.letras.ufrj.br. Acesso em: 29 jun. 2025.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259. 2016. DOI: 10.1590/1981-5794-1608-1. Disponível em: periodicos.fclar.unesp.br. Acesso em: 29 jun. 2025.

SCALDELA, A. L. **Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional**. Orientador: Edson Rosa Francisco de Souza. 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, São Paulo, 2020. Disponível em: repositorio.unesp.br. Acesso em: 29 jun. 2025.

SILVA, E. C. **Construcionalização e mapeamento pancrônico da construção de informalidade e intensificação [MóX]**. Orientador: Roberto de Freitas Júnior. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo. 2022.

SILVA, J. R. **Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação**. Orientadora: Maria Angélica Furtado da Cunha. 2008. 308 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Disponível em: acervo.ufrn.br. Acesso em: 29 jun. 2025.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

Palavras-chave: Intensificação. Gramática de Construções. Usos. Ensino.

VERBO-SUPORTE *CAIR*: uma análise pancrônica de propriedades formais e funcionais

Letícia Souza Araújo Alves de Oliveira¹
Gessilene Silveira Kanthack (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

A predicação constitui a representação linguística de um "estado de coisas" (DIK, 1997) e, para viabilizá-la, o sistema linguístico provê mecanismos que permitem a configuração de variadas estruturas oracionais. Entre esses recursos, destacam-se os predicadores complexos com verbos-suporte, que atuam como apoio morfossintático a elementos não verbais para formar unidades predicantes de elevada integração sintático-semântica. Considerando a recorrência desse recurso na língua portuguesa, esta pesquisa investiga, a partir de dados do *Corpus do Português*, os usos do verbo *cair* no complexo formado de *cair-suporte* + *sintagma nominal*, no qual a carga predicativa principal é transferida do verbo para o elemento nominal, conforme ilustram os construtos em (1).

- (1) a. E os que tem a carregio o carregio de suas fazendas, nam lhes pese do bem que fazem, porque nam venham a **cair em sua desgraça**, & fora dos carregios, mourão com tristeza, como este fez. (CP, Século XVI, *Contos & historias de proveito & exemplo*, Gonçalo Fernandes Trancoso).
- b. Sua Majestade me manda estranhar a Vossa Senhoria, para que se abstenha, da data desta por diante, de tornar a **cair neste erro**, lembrando-se de ter presente que, ainda no caso preciso de o Rei castigar o Prelado, nunca se esquecerá do irmão. (CP, Século XVIII, *Cartas*, Alexandre de Gusmão).
- c. Não há possibilidade desse trabalho **cair no esquecimento** porque nós estamos fazendo a divisão dos processos entre as subcomissões. É exatamente nesse espaço

¹ lsaaoliveira.ppgl@uesc.br Bolsista CAPES

² gskanthack@uesc.br

de tempo que será criada a Corregedoria. (CP, Século XX, Nicéforo Fernandes).

Como se pode notar nesses usos, o verbo *cair* não funciona como verbo pleno, isto é, não atua com o sentido de ir ao chão³. Nas construções destacadas, os elementos linguísticos atuam de modo integrado, correspondendo a uma unidade global, não podendo ser analisados em separado. A configuração semântica da construção centra no sintagma nominal e o verbo *cair*, por conseguinte, conforme Neves (2011), se esvazia semanticamente.

No exemplo (1a), a construção *cair em sua desgraça* expressa a transição de um estado de privilégio para infortúnio; em (1b), *cair neste erro* indica a reiteração de um equívoco, enfatizando a irregularidade da conduta; e em (1c), *cair no esquecimento* sinaliza a perda de relevância de um determinado trabalho. Ou seja, nas três situações, em sincronias diferentes, o verbo *cair* forma unidade com o sintagma nominal preposicionado, constituindo, desse modo, uma unidade funcional predicante.

Para explicar esse comportamento, recorreremos à Gramática de Construções (Bybee, 2010; Croft, 2001; Goldberg, 1995, 2006; Traugott e Trousdale, 2013), perspectiva que compreende a língua como um conjunto dinâmico de padrões moldados pela experiência dos falantes e pelos contextos de uso. Nessa abordagem, construções são pareamentos de forma e sentido, e certos padrões só podem ser explicados a partir de uma análise integrada de ambos os polos. As construções com verbos-suporte exemplificam a importância de se considerar essa noção de pareamento, pois a compreensão de seu funcionamento requer considerar, em conjunto, propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmático-discursivas.

Nessa direção, a nossa pesquisa, em nível de doutorado, é guiada pelos seguintes questionamentos: Em uma perspectiva pancrônica, como se configuram, em termos formais e funcionais, as construções com o verbo-suporte *cair*? As configurações evidenciam mudanças construcionais ou construcionalização?

A partir desses questionamentos, formulamos as seguintes hipóteses: a) a ordenação dos *slots* no esquema [CAIR_{SUP} + SN] transita da maleabilidade posicional em sincronias antigas para a rigidez estrutural nas contemporâneas; b) a construção instancia itens lexicais diversificados, gerando comportamentos morfossintáticos variados; c) a preposição *em* (simples ou contraída) apresenta-se como o licenciador predominante do SN, com frequência superior a padrões concorrentes em todo o recorte; d) o esquema revela forte coerção semântica para substantivos abstratos de domínios negativos, apesar de sua maleabilidade de sentidos; e)

³ Nessa função, normalmente o verbo projeta um participante/argumento – no caso, um sujeito: alguém ou algo cai, como em “Maria *caiu* da escada” e “O livro *caiu*”, respectivamente.

a construção apresenta aumento progressivo de produtividade e esquematicidade, evoluindo de baixas frequências de *type* e *token* para uma ampla expansão da rede construcional; e f) o esquema [CAIR_{SUP} + SN] consolida-se na rede do português via construcionalização, resultante da neoanálise de estruturas referenciais em um novo pareamento de forma e sentido, e expande-se por meio de mudanças construcionais por meio da analogização que permite a atração de novos domínios semânticos.

Com a investigação, visamos contribuir para a ampliação de descrições linguísticas sobre o Português Brasileiro bem como para a difusão da abordagem construcional no âmbito acadêmico. Em se tratando de uma pesquisa pancrônica, almejamos identificar os padrões construcionais do complexo formado de *cair-suporte* + *sintagma nominal* nas sincronias pesquisadas. Também, contribuir para o tratamento a ser dado a categoria verbo principalmente nos contextos de ensino de Língua Portuguesa.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Investigar pancronicamente aspectos formais e funcionais de construções instanciadas pelo verbo-suporte *cair*, desde o século XIII até a sincronia atual, no intuito de explicar mudanças construcionais ou construcionalização ocorridas nesse recorte temporal.

Objetivos específicos

- Coletar usos de construções em que o verbo *cair* atua como suporte ao longo dos séculos XIII ao XXI;
- Identificar os padrões construcionais a partir de propriedades formais (morfológicas e sintáticas) em cada sincronia pesquisada;
- Analisar propriedades funcionais (semânticas e pragmático-discursivas) que caracterizam o entorno das construções;
- Investigar como a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade estão envolvidas nos vários estágios de mudança das construções com o verbo-suporte *cair*;
- Fornecer subsídios teórico-práticos para o ensino da construção pesquisada.

JUSTIFICATIVA

A relevância desta investigação fundamenta-se, primordialmente, na escassez de estudos dedicados especificamente ao verbo *cair* em função de suporte. Até o presente momento, tem-se notícia de apenas dois trabalhos que se debruçaram sobre esse objeto, ambos em nível de mestrado: Santos (2021) e Oliveira (2024). Embora tais pesquisas tenham inaugurado a descrição do fenômeno sob a ótica da Gramática de Construções, ambas desenvolveram análises sincrônicas. Santos (2021) restringiu seu escopo à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito (*caiu*) em dados do *Corpus do Português*, enquanto Oliveira (2024) expandiu a análise para outras formas morfológicas (*caiu*, *cair*, *caindo* e *caído*) em dados coletados na rede social *Twitter* (atual X).

Diante desse cenário, esta pesquisa propõe-se a preencher uma lacuna fundamental ao realizar o primeiro estudo de viés pancrônico sobre o tema, integrando as dimensões diacrônica e sincrônica para compreender as mudanças construcionais e a construcionalização ocorridas nesse recorte temporal com base em instâncias reais da gramática em uso.

Ao considerar o complexo formado por *cair-suporte* + *sintagma nominal* em uma extensão cronológica que se estende do século XIII ao XXI, esta abordagem pancrônica permitirá não apenas identificar os padrões construcionais a partir de propriedades formais, mas também rastrear as motivações estruturais, cognitivas e discursivo-pragmáticas que orientaram sua trajetória. A investigação possibilitará o exame detalhado dos processos de mudança construcional e de construcionalização, identificando o estágio em que o verbo *cair* se estabiliza como suporte no sistema linguístico.

A expectativa é que a amplitude do *Corpus do Português* revele construções ainda não registradas na literatura, permitindo uma descrição mais robusta e pormenorizada das propriedades ostentadas por esse verbo. Com os resultados obtidos, aspiramos não apenas contribuir para o adensamento dos estudos ancorados na Gramática de Construções, mas também fornecer subsídios teórico-práticos para o ensino de língua portuguesa, evidenciando a dinamicidade do sistema e a intrínseca criatividade linguística dos falantes.

APARATO TEÓRICO

As pesquisas que tomam como base a língua em uso evidenciam que as escolhas de determinadas formas linguísticas pelo falante são decorrentes de motivações diversas: estruturais (fatores linguísticos em seus diferentes níveis), cognitivos (processos de domínio

geral fundados na experiência humana) e pragmático-discursivos (que envolvem e configuram a cena comunicativa). Sob essa perspectiva, enquadra-se a vertente denominada de Gramática de Construções, abordagem que têm possibilitado a compreensão de vários fenômenos linguísticos, dentre eles, aqueles que demonstram a emergência do sistema gramatical.

Entendendo que o nosso objeto de estudo evidencia a multifuncionalidade da categoria verbo, justificamos a escolha do aparato teórico, pois, com ele, poderemos explicar a natureza formal e funcional das estruturas em que o verbo *cair* atua como suporte. A propósito, o uso do verbo-suporte *cair* evidencia a criatividade do falante em, a partir de uma forma já existente na língua, atribuir novas funções e novos sentidos para atender suas intenções comunicativas.

A Gramática de Construções, modelo teórico desenvolvido no âmbito da Linguística Cognitiva, se fundamenta no pressuposto de que a unidade básica da língua é a construção, definida como um pareamento de forma e significado (Croft, 2001). Conforme esse modelo, a análise de uma construção implica considerar propriedades tanto da forma quanto da função, entendendo que os dois polos estão imbricados e não existe preferência de um sobre o outro.

Para a Gramática de Construções, a gramática de uma língua é concebida como uma rede de construções associadas entre si, de modo que vários aspectos do conhecimento gramatical do falante são definidos por ligações associativas (Goldberg, 1995). Isso quer dizer que, quando uma nova construção surge na língua, ela compartilhará propriedades de outras construções já existentes. Ou seja, nenhuma construção é instanciada de modo isolado; afinal, a língua é um sistema de entidades interconectadas.

As construções de uma língua podem ser explicadas, em termos de semelhanças e diferenças. Para tanto, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) propõem três propriedades: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Segundo os autores, essas propriedades se definem pela gradiência, o que abrange a noção de que há construções menos ou mais esquemáticas, menos ou mais composicionais, menos ou mais produtivas.

A esquematicidade de uma construção relaciona-se a seu grau de abstração, ao fato de ela servir como um modelo virtual que captura a generalidade de padrões de uso. Já a composicionalidade se refere ao grau de transparência entre a forma e a função e indica que quanto mais transparente for essa relação mais composicional será a construção. A última propriedade, a produtividade, diz respeito ao grau em que uma construção mais esquemática sanciona outras menos esquemáticas. Essa propriedade tem a ver com a capacidade de certificar uma variedade de *types* construcionais. Um outro aspecto importante que influencia a produtividade de uma construção é a frequência *token*, que determina a variabilidade dos itens que ocorrem em um determinado padrão e/ou a reprodução da palavra em um padrão

competitivo.

Diante do exposto, nossa proposta de pesquisa é seguir a perspectiva construcional, a fim de explicar como as construções com o verbo-suporte *cair* configuram-se em situações efetivas de uso.

METODOLOGIA

Esta investigação adota uma metodologia de natureza mista, conforme proposto por Cunha Lacerda (2016), articulando as dimensões quantitativa e qualitativa de análise. O viés quantitativo dedica-se ao levantamento e à mensuração da frequência das construções com o verbo-suporte *cair* no *corpus*, enquanto a dimensão qualitativa provê o suporte analítico-explicativo dos dados, fundamentando-se nos pressupostos da Gramática de Construções.

A pesquisa percorrerá um viés pancrônico, já que, assim como se propõe a descrever cada sincronia (dos séculos XIII ao XXI), observará diacronicamente a presença do verbo *cair* na função de suporte investigadas até o presente momento. A respeito da importância de estudos pancrônicos, Neves (1997, p.118) assinala que essa abordagem “acentua a interdependência entre o sistema linguístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica”. Assim, a abordagem sincrônica possibilita-nos uma descrição capturada das propriedades das construções em estudo na atualidade, enquanto o estudo diacrônico fornece subsídios para a compreensão da atuação dos mecanismos de mudança ao longo dos séculos.

O *corpus* de análise é constituído por dados extraídos do *Corpus do Português* (CP), utilizando-se duas de suas interfaces:

1. Gênero/Histórico: Para o recorte do século XIII ao XX, abrangendo um acervo de mais de 45 milhões de palavras provenientes de aproximadamente 57.000 textos.
2. *Now*: Para a análise do século XXI, interface que oferece um volume superior a 1,1 bilhão de palavras do Português contemporâneo.

A coleta inicial se deu na interface Gênero/Histórico e revelou que o verbo *cair* no infinitivo apresenta a maior frequência de ocorrências (com mais de 3.000), o que motivou a definição de [CAIR_{SUP} + SN] como o esquema central desta pesquisa.

Para o tratamento dos dados do Português Arcaico (Galego-Português), dada a distância temporal e as especificidades léxico-semânticas do período, utilizou-se a plataforma de inteligência artificial Adapta ONE. A ferramenta foi empregada como recurso tecnológico de suporte à tradução e à interpretação das construções até o ano de 1.500, garantindo a precisão

na identificação da funcionalidade do verbo-suporte em contextos remotos.

O objetivo final deste percurso metodológico será dar continuidade na coleta de dados e analisar as construções em cada sincronia, permitindo o exame pormenorizado dos aspectos formais e funcionais do esquema, bem como a comparação sistemática da trajetória do verbo *cair* ao longo dos nove séculos investigados.

DISCUSSÃO

A partir da constituição do *corpus*, até o presente momento, analisamos um total de 4.167 construções do século XIII ao XX, provenientes da interface Gênero/Histórico do *Corpus do Português*, com o verbo *cair* (e suas variantes gráficas como *caer*, *cayr*, *cahir* e *caír*), das quais 457 foram identificadas especificamente em função de verbo-suporte. Os dados sugerem que *cair* desempenha papel significativo como suporte nos usos desde o século XIII, apresentando um aumento gradativo na diversidade de lexemas que preenchem o *slot* de SN, partindo de 7 *types* diferentes no século XIII até atingir 78 no século XX. Notavelmente, o lexema *erro* manifesta-se como uma constante histórica presente em todos os séculos analisados, ratificando a estabilidade desse padrão para expressar o ingresso em estados de equívoco por meio de *tokens* como “caer en grand' erro” (séc. XIII), “cayr em erro” (séc. XIV) e “cair no mesmo erro” (séc. XIX).

Nessa amostra, observamos, do ponto de vista formal, que a preposição *em* e suas variantes contraídas dominam amplamente a introdução do sintagma nominal em todas as sincronias a exemplo de “cahir em turpidades” e “cair na perdição”. Além da preposição *em*, registram-se poucos usos com a preposição *de* (“cair de sono”, “cair de fraqueza”) e *a* (“cair a sorte”, “cair ao primeiro golpe”).

No que se refere a ordenação dos *slots* no esquema [CAIR_{SUP} + SN], verificamos que nas sincronias iniciais, como o século XIII, há maior maleabilidade posicional a exemplo de “en vergonna caer”, já nos séculos XIX e XX consolidam um padrão de rigidez sintática e maior esquematicidade solidificando o padrão em que o verbo-suporte antecede o sintagma nominal.

Funcionalmente, a construção exerce uma forte coerção semântica sobre substantivos abstratos, concentrando-se em domínios de infortúnio, estados psicológicos indesejados e falhas morais. com um aumento expressivo na produtividade: o século XV, por exemplo, apresenta 15 *types*, enquanto o século XIX atinge 83 diferentes *types*. Essa expansão diacrônica parte de um núcleo focado em falhas morais e religiosas, como os *types* *pecado* e *maldades*, para novos domínios na contemporaneidade, incorporando lexemas diversificados como observado nos

tokens “cair no sono”, “cair na gargalhada” e “cair nas graças”, evidenciando a evolução funcional do verbo para estados físicos, sociais e armadilhas discursivas.

REFERÊNCIAS:

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, vol. esp., p. 83-101, dez. 2016.

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1. The structure of the clause. Kees Hengveld (ed). Berlim: Mouton de Gruyter, 1997.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2011.

OLIVEIRA, L. S. A. A. DE. *CAIR em sua função de verbo-suporte: uma análise centrada no uso*. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras: linguagens e Representações), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus – BA, 2024.

SANTOS, A. R. *Análise do verbo cair com ênfase no seu uso como verbo-suporte: um estudo na perspectiva da gramática de construções*. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2021.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taíse Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

Palavras-chave: Verbo-suporte *cair*. Usos. Gramática de Construções. Análise pancrônica.

O EMERGIR DOS SENTIDOS AO TOQUE DAS MÃOS

Émile Assis Miranda Oliveira¹

Wolney Gomes Almeida(orientador)²

Apresentação

Ao toque das mãos o mundo é acessado e significado para pessoas com surdocegueira. O sentido do tato que nos faz perceber o afago e o calor também se configura, para este grupo, a possibilidade de interação linguageira mediada pelo toque que pode ser meramente casual, mas também pode ser uma pista que indique pedido de atenção para si, um grito e até mesmo a marcação do tom do discurso produzido toque a toque.

Neste trabalho nos debruçaremos no estudo da linguagem de pessoas com surdocegueira, usuários da Língua Brasileira de Sinais Tátil ou Libras tátil, buscando compreender a formação dos sentidos, mediados pelo tato, a partir do uso das expressões não-manuais (ENM) na interação comunicativa concreta e em diferentes situações de uso. Pesquisas nesta área ainda são bastante incipientes. Compreender a semiose háptica deverá contribuir para os estudos da linguagem ampliando a perspectiva da capacidade humana para além dos paradigmas semióticos fonocêntricos e visocêntricos. Para tanto, nos ancoramos nos pressupostos da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita-Lopes, 2006), tendo em vista o olhar para a linguagem enquanto prática social, bem como na Sociolinguística Interacional (SI) (Gumperz, 1982 *apud* Fabrício, 2020) que nos auxiliará na compreensão de como os sentidos se constroem e são negociados na interação social cotidiana.

A surdocegueira é considerada uma condição humana única, que gera impactos na comunicação e na mobilidade (Almeida, 2015). Segundo Falkoski e Maia (2020) a surdocegueira pode ser classificada em congênita, quando a criança se torna surdocega antes do acesso à linguagem, ou adquirida, quando a pessoa tem as perdas sensoriais ao longo da vida e após ter tido acesso à linguagem. Ressalta-se que existem diferentes graus de perda tanto da audição quanto da visão, não sendo consideradas surdocegas apenas aquelas que

¹ eamoliveira.ppgl@uesc.br. Doutoranda do do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações- PPGL/ UESC

² wgalmeida@uesc.br. Doutor em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações- PPGL/ UESC

tiveram perda total dos sentidos. A diversidade de corpos surdocegos também se revela nas suas diferentes formas comunicativas. Monteiro *et al.* (2024) ao realizarem um levantamento dessas formas na literatura identificaram 25 tipos, as quais vão desde formas ligadas à língua oral falada como a fala ampliada e o tadoma; a língua oral escrita como o braille tátil e escrita na palma da mão e as ligadas às línguas de sinais como a língua de sinais em campo reduzido e a língua de sinais tátil, no contexto brasileiro- Libras tátil. Sobre a língua de sinais tátil, Almeida (2026, p. 39) discorre que:

A língua de sinais tátil é o território em que a linguagem reencontra o corpo. Nela, o gesto deixa de ser visto e passa a ser sentido; a palavra deixa de ressoar no ar e se inscreve na pele. É no corpo do surdocego que a linguagem se reinventa, libertando-se das hierarquias sensoriais que a modernidade impôs.

Na Libras tátil, como nas demais línguas de sinais tátil, a significação se constrói ao toque da pele, seja sob as mãos, costas ou outra outra parte do corpo, é uma linguagem que exige proximidade e estratégias comunicativas que favoreçam a semiose háptica. Conforme versa Raanes (2011, p.55, tradução nossa): “ Em conversas com língua de sinais tátil, as pessoas ficam próximas umas das outras, seguram as mãos umas das outras e formam sinais em direção às mãos e ao corpo do interlocutor.³” Os sinais produzidos mão a mão também são identificados, inicialmente, por sua composição fonológica, a saber: Configuração de mãos, Locação, Movimento, Orientação da Palma e ENM (Oliveira, 2022), os quais comporão os sinais.

Portanto, a despeito dos estereótipos sociais atribuídos às pessoas com deficiência remetendo à limites, impossibilidades e necessidade de superação, neste trabalho optamos pelo viés da deficiência enquanto diferença e potencialidade (Almeida, 2025), trazendo como referência e inspiração as mulheres surdocegas Helen Keller e Janinne Farias⁴. Entendemos que o universo da surdocegueira não deve ser reduzida aos impactos negativos gerados pela perda sensorial, tendo em vista que, em meio à adversidade, a plasticidade humana faz com que os corpos se reconfigurem, recriem a linguagem trazendo para o tato a função ler, compreender e significar o mundo na aproximação de corpos que se tocam e se comunicam por meio da

³ “I samtaler med taktilt tegnspråk er man plassert nær hverandre, man griper om hverandres hender og former tegn inn mot samtalepartnerens hender og kropp.” (Raanes, 2011, p.55)

⁴ **Hellen Keller** é conhecida internacionalmente como a primeira pessoa surdocega a concluir o nível superior, atuou como escritora, filósofa e conferencista e se tornou uma ativista pelos direitos das pessoas com deficiência (Keller, 2008).

Janinne Farias é uma mulher surdocega congênita, pedagoga, baiana, atualmente estudante de Pós-graduação que tem sido referência para que outras pessoas surdocegas acreditem e lutem pelos seus sonhos.

linguagem háptica. Portanto, a surdocegueira não se define apenas pela ausência sensorial distal da visão e da audição, mas pela reconfiguração das vias de contato com o mundo.

Questão norteadora:

- De que modo as ENM constituem pistas de contextualização na construção e negociação de sentidos em interações comunicativas em Libras tátil por pessoas surdocegas?

Objetivo Geral

- Investigar como as ENM atuam como pistas de contextualização na construção, interpretação e negociação de sentidos, em interações em Libras tátil, realizadas por pessoas surdocegas.

Objetivos Específicos

- Descrever os elementos não-manuais produzidos na sinalização de pessoas surdocegas usuárias da Libras tátil;
- Problematicar o conceito de ENM a partir das marcas discursivas da Libras tátil;
- Identificar as pistas de contextualização empregadas pelos participantes da pesquisa durante diferentes interações comunicativas;
- Compreender como se dá a construção, interpretação e a negociação dos sentidos na interação comunicativa dos participantes da pesquisa.

Justificativa

A comunidade surdocega brasileira em sua diversidade linguística e comunicacional, vivencia em seu dia-a-dia o isolamento social, a supressão dos seus direitos básicos, em especial o direito linguístico. A privação linguística, para crianças surdocegas congêntas, gera prejuízos irreparáveis para esses corpos silenciados. Crianças surdocegas e suas famílias enfrentam desafios desde o seu diagnóstico, o acesso a instituições especializadas, em especial nas cidades menores, até mesmo ao acesso a profissionais qualificados, seja no contexto médico ou educacional. Para pessoas surdocegas adquiridas, os desafios também são inúmeros. Ressignificar a vida diante da perda sensorial dupla exige apoio social e políticas que garantam

os direitos, inclusive direito ao acesso a profissionais qualificados para exercerem a acessibilidade linguística nos mais diferentes espaços na sociedade.

A literatura aponta às línguas de sinais na modalidade tátil apenas enquanto uma adaptação do que é visual para o tato (Oliveira; Lessa-de-Oliveira 2020), no entanto reconhecer a singularidade da linguagem desse grupo é também reconhecer um outro modo de significar o mundo a partir do toque das mãos.

Uma investigação dessa natureza, como aqui proposto, buscará fomentar discussões em torno da linguagem mediada pelo tato e rompimento de tradições focadas em formação de sentidos e representações mediadas apenas pela visão e pelo som. Estudar a linguagem na perspectiva da Linguística Aplicada (LA) e da Sociolinguística Interacional agrega a este estudo a flexibilidade e o olhar sensível ao ser humano enquanto ser social, incluído em um contexto histórico e político que reflete em sua maneira de produzir sentidos por meio da linguagem. É um reconhecimento da identidade linguística e cultural de uma minoria, amplamente heterogênea, que segue invisibilizada. Ademais, consideramos que esse estudo deverá contribuir para a formação de profissionais guias-intérpretes e instrutores mediadores que atuam diretamente com pessoas surdocegas tanto na mediação comunicacional quanto em sua aquisição linguística.

Aparato Teórico

As ENM nas línguas de sinais de modalidade gesto-visual, são compreendidas como sendo unidades que compõem o sinal. As ENMs desempenham diferentes usos e funções na produção de sentido nesta forma de linguagem que perpassa do nível fonológico, morfológico, sintático ao nível semântico- discursivo. Tais expressões, conforme Quadros e Karnopp (2004, p.60), são: “ movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco”. O reconhecimento das ENM como parâmetro fonológico da LS, na ocasião a Língua de Sinais Americana (ASL), se deu a partir dos estudos do pesquisador Battison no ano de 1974 (Quadros e Karnopp, 2004). Na Libras as primeiras descrições linguísticas vieram com os estudos da pesquisadora Ferreira-Brito, na década de 80, a qual descreveu os sinais apresentando a materialização das ENM também “na cabeça, face e tronco” (Paiva, *et al*, 2018). Outras investigações foram realizadas sobre as ENM na Libras como a de: Souza (2014); Xavier (2017, 2019); Souza e Fronza (2018) e Silva *et al.* (2022, 2023).

Os estudos da linguagem de pessoas surdas já desfrutam de um aparato teórico potencialmente crescente, no entanto, quando observamos os estudos da linguagem de pessoas surdocegas, em especial as usuárias da Libras tátil, o número é bastante ínfimo. Compreendemos a linguagem como sendo uma prática social e cultural que precisa ser entendida em seu contexto de uso na interação comunicativa, a qual faz emergir os diferentes contextos.

Estudar a linguagem de pessoas com surdocegueira é, antes de tudo, deslocar o olhar da deficiência para focar na diferença e potencialidade dos sujeitos (Almeida, 2025). Para a discussão nesta área e nos estudos da linguagem desse grupo utilizaremos como aporte teórico os autores nacionais e internacionais, a saber: Farias (2015); Falkoski e Maia (2020); Almeida(2015, 2025 , 2026); Oliveira (2022); Oliveira e Lessa-de-Oliveira (2022); Santiago (2022); Bigate (2025, 2026); Collins (2004); Collins; Petronio (1998); Quinto-Pozos (2004); Checchetto *et al.* (2018); Willoughby *et al.*(2018, 2020); Bono, *et al.*, 2018 ; Mesch (2001, 2026) e Raanes (2006, 2011).

Esse projeto orienta-se pelos pressupostos da Linguística Aplicada de matriz indisciplinar (Moita-Lopes, 2006), compreendida como um campo de teorização problematizadora que investiga práticas sociais mediadas pela linguagem. Bem como pela Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982), que se investiga o modo como os sentidos são construídos e negociados na interação social concreta. A SI coloca a “centralidade do estudo da linguagem na interação”. Um dos referenciais que nos servirão de base para observar a Libras a partir do viés da SI é o trabalho de Leite (2008) que realizou um estudo no qual realizou uma segmentação da Libras na interação de sinalizantes surdos.

Nossa análise terá como foco as ENM como pistas de contextualização (Gumperz, 1982 *apud* Fabrício 2020) na interação comunicativa de sinalizantes surdocegos. As pistas de contextualização são: “ são sinais verbais e não-verbais que os falantes utilizam para orientar a interpretação de suas falas em uma interação, tais como: Prosódia (no ritmo, entonação, volume e tom de voz); escolhas lexicais; elementos não verbais (gestos, expressões faciais, etc.), entre outros.

Aquilo que a SI discorre como interação face a face (Goffman,1974 *apud* Fabrício, 2020), chamaremos aqui de interação *toque a toque*. Propusemos o termo interação *toque a toque* tendo em vista que no universo da surdocegueira a percepção linguageira será convencionalmente captada pela pele. Dessa forma, na experiência háptica do mundo a

interação deve se estabelecer como um jogo semiótico cujas significações serão construídas e negociadas pelos toques realizados no corpo o qual, em sua repetição, na tensão, nos movimentos corporais, faz emergir diferentes sentidos .

Destarte, a linguagem é uma prática social que depende da interação para ser aprendida. Estudar a linguagem de pessoas surdocegas que significam o mundo ao toque de suas mãos é abrir possibilidades no estudo da linguagem para entender o mundo à luz do que a visão e a audição não são capazes de captar. O sentido emerge no toque entre corpos que comunicam, interpretam e negociam as semioses que são articuladas e percebidas hapticamente.

Metodologia

Pretendendo alcançar os objetivos propostos traçamos o caminho metodológico de uma pesquisa de abordagem qualitativa etnográfica, de natureza descritiva e explicativa (Gerhardt e Silveira, 2009). Neste estudo, será investigado como as ENM atuam como pistas de contextualização na construção, interpretação e negociação de sentidos, em interações em Libras tátil, realizadas por pessoas surdocegas.

- **Participantes:**

Serão dois os participantes da pesquisa, sendo um(a) com surdocegueira congênita e um(a) com surdocegueira adquirida. Após o convite, a pesquisa será apresentada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) disponibilizado em braile e traduzido para a Libras tátil, aos participantes. A constituição do corpus com dois participantes foi definida em consonância com os pressupostos da pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, cuja ênfase recai sobre a descrição densa das práticas sociais e linguísticas. A seleção intencional de um participante com surdocegueira congênita e outro com surdocegueira adquirida permitirá observar diferentes percursos de experiência e constituição da linguagem, favorecendo a compreensão das singularidades e aproximações presentes na construção e negociação de sentidos em interações em Libras tátil.

- *Corpus*

Os excertos que comporão o corpus serão selecionados de forma intencional, considerando sua relevância para os objetivos da pesquisa. Serão priorizadas interações em Libras tátil nas quais seja possível observar a ocorrência de ENM e sua atuação na construção, interpretação e negociação de sentidos entre os participantes. A seleção dos dados buscará contemplar

diferentes situações de uso da linguagem, de modo a favorecer uma análise qualitativa densa e contextualizada das práticas comunicativas investigadas. Os excertos serão provenientes tanto de gravações realizadas pela pesquisadora quanto por vídeos particulares cedidos pelos participantes. Cada participante contribuirá com a pesquisa em momentos diferentes.

Critérios de inclusão e exclusão da pesquisa:

Inclusão:

- a) ser uma pessoa maior de 18 anos;
- b) ser uma pessoa com surdocegueira congênita falante da Libras tátil;
- c) ser uma pessoa com surdocegueira adquirida falante da Libras tátil;
- d) aceitar de forma voluntária participar da pesquisa;
- e) assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
- f) aceitar disponibilizar vídeos particulares com excertos de comunicação na língua de sinais.

Exclusão:

- a) solicitar desvinculamento da pesquisa;
- b) ser uma pessoa com surdocegueira usuário(a) de outras formas de comunicação do universo da surdocegueira.

- Geração dos dados

Serão realizados registros em vídeo de conversações naturais do dia a dia dos participantes em situações como por exemplo: comunicações informais com familiares no contexto do lar e em espaços comunitários frequentados por eles; conversas em sala de aula e/ou na sala de Atendimento Educacional Especializado; ambiente religioso e quaisquer outras situações que possam surgir durante o período de coleta de dados. Vale ressaltar que, como essa pesquisa tem caráter etnográfico e compreende o participante não apenas como sendo um fornecedor de dados, mas agente na pesquisa; antes de serem realizados os procedimentos de coleta, serão acordados entre pesquisador e participante: os melhores locais e momentos para os registros das interações, bem como o tempo de gravação, objetivando gerar o mínimo de riscos para os participantes. Pretendemos utilizar ao menos duas câmeras em ângulos diferentes e posicionadas uma num ponto mais alto e outra mais próxima ao participante objetivando capturar o máximo de detalhes possíveis das ENM, que se constituem pistas de contextualização, produzidas nos turnos de conversação.

Além dos registros audiovisuais das interações, a pesquisa contará com observação participante e elaboração de diário de campo, por meio dos quais serão registradas informações referentes às situações de produção das interações, às impressões da pesquisadora e a aspectos que não possam ser integralmente captados pelas gravações. Tais procedimentos visam favorecer uma compreensão mais ampla das práticas comunicativas e dos processos de construção de sentidos em Libras tátil, em consonância com os pressupostos da pesquisa qualitativa de natureza etnográfica.

Procedimento de análise

Os dados coletados serão analisados com o auxílio do Software EUDICO Linguistic Annotator- ELAN. Será realizada inicialmente uma transcrição minuciosa em glosas das conversas em Libras e Libras tátil e examinados cada excerto de fala, com vistas à identificação das ENM e suas funções enquanto pista de contextualização na construção, interpretação e negociação de significados, na sinalização de cada participante. Na apresentação dos dados serão colocados os links dos vídeos e qr codes de acesso aos excertos de cada conversa.

Discussão

As discussões referentes ao trabalho serão realizadas com base nos pressupostos da SI no que tange ao uso das ENM que podem funcionar como pistas de contextualização na construção e negociação de sentidos entre os turnos de conversação em Libras tátil pelos participantes. A análise minuciosa na interação *toque a toque* deverá fazer emergir as categorias de análise que comporão a tese. Portanto, o estudo da linguagem aqui realizado se pautará na compreensão da linguagem enquanto prática social, a qual na interação háptica, faz emergir os sentidos daqueles que percebem o mundo pelo toque das suas mãos.

Referências

ALMEIDA, W. G. Libras e dissidência: por uma linguística da diferença e contra o ouvintismo estrutural. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**. 2025. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg>. Acesso 05 mar. 2025.

_____. **O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira**. Tese de doutorado em Educação. UFBA. Salvador, 2015.

_____. **Modalidade háptica: epistemologias táteis da surdocegueira**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2026.

BIGATE, T. F. **Surdocegueira na perspectiva da análise de discurso: a mudança (parcial) na materialidade linguística da Libras visual-espacial para a Libras tátil**. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2024.

_____. Libras tátil e efeitos de sentidos: algumas considerações a respeito das condições de produção. **Vivências em Língua Portuguesa: leitura, língua não materna e ensino**. Organizadores: Alexandre do Amaral Ribeiro; Camille Roberta Ivantes Braz e Flávio de Aguiar Barbosa. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Letras- UERJ, 2023.

BONO, M.; *et al.* **Tactile Japanese Sign Language and Finger Braille: An Example of Data Collection for Minority Languages in Japan**. In Proceedings of the 2018 LREC conference.

CHECCHETTO, A.; GERACI, C.; CECCHETTO, C.; ZUCCHI, S. **The language instinct in extreme circumstances: The transition to tactile Italian Sign Language (LISt) by Deafblind signers**. Glossa: a journal of general linguistics 3(1): 66. 1–28, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5334/gjgl.357>

COLLINS, S. **Adverbial Morphemes in Tactile American Sign Language**. Doctoral dissertation, Graduate College of Union Institute and University, 2004.

_____; PETRONIO, K. **"What happens in Tactile ASL?"**. Deaf-blind culture and community. 45.1998. Disponível em: https://digitalcommons.wou.edu/dbi_culture/45/. Acesso em: 14 jun. 2026

FABRÍCIO, Branca Falabella (org.). **Sociolinguística interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

FALKOSKI, F.C.; MAIA, S.R. **Surdocegueira congênita: comunicação com uso de recursos de comunicação alternativa**. Curitiba: CRV, 2020.

FARIAS, S. S. P. **Os processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na educação básica**. 2015. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18190>. Acesso em: 15 jun. 2021.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

GERHARDT, T.E., SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KELLER, H. **A história da minha vida**. Tradução Myriam Campello. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2008.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MESCH, J. **Tactile sign language: turn taking and questions in signed conversations of deaf-blind people**. In International Studies on Sign Language and Communications of the Deaf. Vol.38. Hamburg: Signum, 2001.

MESCH, Johanna. Touch and Haptic Sensations in Conversations Between Deafblind Signers and in Tactile Interpreting. Venezia: Edizioni Ca' Foscari, 2026. E-book. ISBN 979-12-5742-007-9. Acesso em: 15 abr. 2026.

MOITA-LOPES, L. P.(org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MONTEIRO, V. A. V.; AUGUSTO, J. C.; WITCHES, P. H. Translinguando a surdocegueira. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 36, p. 168-185, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/pl.v14i36.44494>. Acesso em: 12 jun. 2026.

OLIVEIRA, E.A.M.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras Tátil: um estudo bibliográfico. In: XIX SPLIN, 2020, São Carlos. **Anais eletrônicos do XIX SPLIN**. São Carlos: UFSCar. p. 66. Disponível em: <https://ufscarsplin.wordpress.com/anais/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

OLIVEIRA, E.A.M.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. O espaço de sinalização na libras tátil. **Estudos Linguísticos (São Paulo)**, v. 51, n. 1, p. 263-282, abr. 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3333>. Acesso em: 14 jun. 2026.

_____. **Tateando a língua: um estudo linguístico sobre a libras tátil**. 2022. 157 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2022.

PAIVA, F. A. dos S. *et al.* Análise do papel das expressões não manuais na intensificação em libras. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 37, n. 2, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445069907579551549>. Acesso em: 15 jun. 2026.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudo linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

QUINTO-POZOS, D. **Deictic points in the visual–gestural and tactile–gestural modalities**. In: Modality and structure in signed and spoken language. MEIER, R.P.; CORMIER K.; QUINTO-POZOS, D. Cambridge University Press, 2004.

RAANES, E. **Å gripe inntrykk og uttrykk Interaksjon og meningsdanning i døvblindes samtaler**. Norges teknisk-naturvitenskapelige universitet, Det historisk filosofiske fakultet, Institutt for språk- og kommunikasjonsstudier, Trondheim, 2006.

RAANES, E. **Tegnrom og taktilt tegnspråk**. Norsk Lingvistisk Tidsskrift · Årgang 29 . P.54–86.2011.

SANTIAGO, V.A.A. **A Entonação Expressiva na Interpretação para Língua de Sinais Tátil em Conferências**. Artigos • Cad. Trad. 42 • 2022 .

SILVA, I.B.O.; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A.S.C. **O papel das “Expressões Não manuais- ENMS” na Libras**. Revista Philologus , Ano 28 ,n. 84, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2022.

_____. **As Expressões Não Manuais e a Prosódia na Libras.** Estudos Interdisciplinares da Linguagem e Ensino. Organizadores: Natanael Duarte de Azevedo, Renata Barbosa Vicente, José Temístocles Ferreira Júnior. - Campina Grande, PB: Realize editora, 2023.

SOUZA, D.T. **(Re)visitando as expressões não-manuais em estudos sobre a Libras.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

SOUZA, D. T.; FRONZA, C. A. Estudos sobre Expressões não-Manuais da Libras: Constatações e Perspectivas. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação** – ISSN 1981- 9943 Blumenau, v. 12, n. 3, p. 436-455, set./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1981-9943.2018v12n3p436-455>.

WILLOUGHBY, L.; IWASAKI, S.; BARTLETT, M.; MANNS, H. **Tactile sign language.** <https://doi.org/10.1075/hop.21.tac1>. Published online: 10 December 2018. *Handbook of Pragmatics* Volume 21 (2018), pp. –. ISSN 1877-9611 | EISSN 1877-9611 © 2018. Acesso em: 09 ago.2024.

XAVIER, A. N. A Expressão de Intensidade em Libras. **Revista Intercâmbio**, Especial Expressividade, v. XXXVI: 1-25, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X.

_____. Análise preliminar de expressões não-manuais lexicais na libras. *Revista Intercâmbio* , v. XL:41-66, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237- 759X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/44974/29782>. Acesso: 27 mar. 2026.

Palavras-chave: Pessoa com surdocegueira. Estudo da Linguagem. Pistas de contextualização. Expressões não-manuais. Libras tátil.

EIXO II:

LINGUAGENS, EMOÇÃO E
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

EMOÇÕES E REFLEXÃO DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO EMOCIONAL CRÍTICO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

Daiane Conceição Simões Santos ¹
Prof.^a Dr.^a Nair Floresta Andrade Neta (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

A virada afetiva, conforme Clough (2007), ampliou significativamente as discussões sobre o papel das emoções na constituição da vida social, ampliando a visão que as restringiam ao âmbito individual ou psicológico. Nos campos da Educação e da Linguística Aplicada, esse movimento favoreceu o reconhecimento de que ensinar e aprender línguas são práticas atravessadas por experiências emocionais produzidas em contextos sociais, culturais, institucionais e políticos. As emoções têm deixado, assim, de ocupar uma posição periférica nos estudos acadêmicos para serem compreendidas como dimensões constitutivas das identidades docentes, das relações pedagógicas e dos processos de ensino-aprendizagem, segundo Barcelos (2024).

Inserida na Linguística Aplicada Crítica, esta pesquisa parte do entendimento de que as emoções docentes são experiências socialmente situadas, atravessadas por relações de poder, discursos institucionais e processos de subjetivação. Nessa perspectiva, compreender as emoções implica analisar os contextos históricos e sociais que tornam determinadas formas de sentir legítimas, desejáveis ou silenciadas (BARCELOS, 2024). Tal abordagem permite problematizar o trabalho docente para além de explicações individualizantes, considerando as condições materiais, políticas e institucionais que influenciam o exercício da profissão.

No contexto da educação pública brasileira, marcado pela intensificação do trabalho, pela ampliação de demandas burocráticas, por mudanças nas políticas educacionais e pela precarização das condições de trabalho, observa-se o crescimento de relatos relacionados ao sofrimento profissional, ao desgaste emocional e ao adoecimento docente (PEREIRA, 2016). Esses fenômenos evidenciam a necessidade de investigar não apenas as condições objetivas do trabalho escolar, mas também as experiências emocionais produzidas nesse contexto.

¹ daianesimoes25@gmail.com Bolsita [CAPES]

² naandrade@uesc.br

Diante desse cenário, esta pesquisa busca compreender como docentes de Língua Portuguesa e Língua Inglesa da rede municipal de Ilhéus significam emocionalmente os desafios da profissão. O estudo toma como eixo articulador o Letramento Emocional Crítico, entendido como uma perspectiva que possibilita problematizar as emoções em suas dimensões sociais, culturais, ideológicas e políticas (ANDRADE NETA, 2011; BARCELOS, 2024). A investigação orienta-se pela seguinte questão: Como as emoções atravessam as experiências e práticas pedagógicas de docentes de Língua Portuguesa e Língua Inglesa da rede pública municipal de Ilhéus-BA e de que modo o Letramento Emocional Crítico pode contribuir para a reflexão e ressignificação dessas experiências?

OBJETIVOS

O objetivo geral consiste em investigar de que modo as emoções atravessam e constituem as experiências e práticas pedagógicas de docentes de Língua Portuguesa e Língua Inglesa da rede municipal de ensino de rede Ilhéus-BA e como processos formativos orientados pelo Letramento Emocional Crítico podem contribuir para a problematização, a reflexão e a ressignificação dessas experiências.

Especificamente, pretende-se: identificar emoções recorrentes nas narrativas docentes e o contexto em que elas emergem; examinar de que maneira essas emoções produzem formas de trabalho emocional e/ou se articulam a experiências de desgaste, sofrimento, mal-estar e adoecimento docentes; discutir as contribuições do Letramento Emocional Crítico para a formação de professores de línguas no contexto da escola pública em destaque e construir um perfil que contribua para compreender a relação entre trabalho docente, emoções e adoecimento no contexto investigado.

JUSTIFICATIVA

A relevância da pesquisa está relacionada à necessidade de compreender as dimensões emocionais que atravessam o trabalho docente na pós contemporaneidade. Embora os estudos

sobre formação de professores tenham se consolidado na Linguística Aplicada, ainda são relativamente escassas as investigações que analisam as emoções como dimensão constitutiva das práticas pedagógicas em contextos específicos da escola pública brasileira.

O aumento de quadros de sofrimento psíquico, esgotamento profissional e adoecimento entre docentes reforça a importância de pesquisas que permitam compreender como professores interpretam, vivenciam e atribuem sentido às experiências emocionais produzidas no cotidiano escolar (PEREIRA, 2016). Tal necessidade torna-se ainda mais relevante quando se considera que as emoções são produzidas em contextos marcados por relações de poder, expectativas institucionais e normas sociais que regulam formas legítimas de sentir e expressar emoções.

A pesquisa também se justifica por seu potencial de contribuir para o fortalecimento do campo do Letramento Emocional Crítico, ampliando discussões sobre formação docente e valorizando as narrativas dos professores como espaços de reflexão, conscientização e transformação social. Espera-se, ainda, que os resultados subsidiem ações formativas voltadas ao bem-estar docente e à construção de ambientes escolares mais acolhedores. Nessa ótica, enfatiza-se a necessidade de que mais estudos acadêmicos fomentem melhorias nos cursos de formação continuada, levando em consideração a escassez de programas e cursos com o propósito de evidenciar a centralidade dos fatores emocionais no fazer docente.

Tal necessidade torna-se ainda mais relevante diante das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que atribui à escola o desenvolvimento de competências socioemocionais dos estudantes. Essa proposta dialoga com os princípios do Relatório Delors (1996), especialmente com os pilares "aprender a viver juntos" e "aprender a ser", que defendem uma formação humana integral capaz de contemplar aspectos cognitivos, éticos, relacionais e afetivos. Nesse contexto, torna-se fundamental que os docentes desenvolvam seu Letramento Emocional Crítico, de modo a compreender, problematizar e ressignificar suas experiências emocionais, fortalecendo sua atuação pedagógica e sua capacidade de promover práticas educativas mais reflexivas, humanizadoras e socialmente comprometidas.

APARATO TEÓRICO

A pesquisa se fundamenta na Linguística Aplicada Crítica, compreendida como um campo comprometido com a investigação de problemas sociais nos quais a linguagem desempenha papel central. Moita Lopes (2006) defende que a produção de conhecimento deve voltar-se para questões

que afetam concretamente a vida dos sujeitos, considerando seus contextos históricos, culturais e políticos. Em diálogo com essa perspectiva, Rajagopalan (2003) argumenta que toda produção de conhecimento sobre linguagem é atravessada por posicionamentos ideológicos e políticos, exigindo do pesquisador uma postura ética e crítica diante das desigualdades sociais.

A compreensão das emoções adotada neste estudo dialoga com Ahmed (2014), que não as concebe como estados internos isolados, mas práticas sociais e culturais que circulam entre sujeitos, objetos e discursos. As emoções possuem uma dimensão política, pois participam da produção de pertencimentos, identificações e exclusões, contribuindo para sustentar ou questionar estruturas sociais. Nessa perspectiva, compreender as emoções implica compreender também os processos sociais envolvidos nos processos de interação social no contexto de sala de aula. Essa abordagem aproxima-se das contribuições de Zembylas (2005), que compreende as emoções como constitutivas das práticas educativas e das identidades docentes. Para o autor, as experiências emocionais dos professores estão diretamente relacionadas aos contextos institucionais e às condições históricas em que a docência é exercida.

A pesquisa mobiliza ainda o conceito de “trabalho emocional”, desenvolvido por Hochschild (1983/2003) e ampliado por Benesch (2017) no campo da Linguística Aplicada. O conceito refere-se aos esforços realizados para administrar, expressar ou ocultar emoções em conformidade com expectativas sociais e institucionais. No contexto escolar, isso pode significar demonstrar entusiasmo, equilíbrio e disponibilidade emocional mesmo diante de situações de desgaste. Benesch (2017) amplia essa discussão ao defender que as emoções docentes não devem ser interpretadas como fragilidades individuais, mas como respostas legítimas às condições institucionais que organizam a vida profissional.

Complementarmente, a pesquisa dialoga com a noção de “comunidades emocionais” proposta por Rosenwein (2011), entendidas como grupos que compartilham formas específicas de interpretar, valorizar e expressar emoções. Essa noção permite compreender a escola como um espaço em que determinadas emoções são incentivadas, legitimadas ou silenciadas. No campo da formação de professores, o estudo ancora-se nas contribuições de Andrade Neta (2011) e Barcelos (2015, 2024), que defendem a importância do letramento emocional para a compreensão crítica das experiências afetivas vividas no contexto educacional. Tal discussão é ampliada pela proposta de Letramento Emocional Crítico, que enfatiza a necessidade de problematizar emoções em articulação com ideologias, normas sociais e relações de poder.

Esta proposta dialoga ainda com Freire (2020), especialmente com os conceitos de conscientização e ação-reflexão-ação. A reflexão crítica sobre as emoções pode favorecer uma leitura mais ampla da realidade e contribuir para que professores compreendam as condições sociais que atravessam suas experiências profissionais. Dessa forma, o Letramento Emocional Crítico (BARCELOS 2024), aproxima-se de uma perspectiva emancipatória de formação docente comprometida com a transformação social e a valorização das vozes dos professores. Nessa perspectiva, as narrativas docentes poderão assumir relevância por viabilizarem a reflexão sobre emoções, experiências e processos identitários, favorecendo a compreensão crítica dos desafios que permeiam a prática profissional (GOMES, 2014).

METODOLOGIA

A pesquisa insere-se no campo da Linguística Aplicada Crítica (RAJAGOPALAN 2003; MOITA LOPES, 2006). Trata-se de uma pesquisa narrativa, com abordagem quali-quantitativa, de natureza interpretativista. Participarão do estudo docentes de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, efetivos e contratados, atuantes em dez escolas da rede pública municipal de ensino de Ilhéus, totalizando, no mínimo, dez participantes.

O levantamento de dados ocorrerá inicialmente por meio de questionários aplicados via Google Forms. Em seguida, serão realizadas rodas de conversa presenciais e virtuais, conforme a disponibilidade dos participantes. Os encontros buscarão promover espaços éticos de escuta e reflexão sobre trajetórias profissionais, experiências emocionais e possíveis relações com processos de adoecimento.

As perguntas propostas deverão estimular a narração de experiências relacionadas aos desafios da profissão, às demandas emocionais do trabalho docente e às possíveis relações entre tais experiências e o adoecimento. Os registros poderão ser realizados por gravação de áudio e posterior transcrição, observando os procedimentos éticos previstos para pesquisas com seres humanos. Além das narrativas docentes, serão analisados documentos institucionais que indiquem quantitativos de afastamentos por motivos de saúde, preservando integralmente os dados pessoais dos sujeitos. O objetivo é construir um perfil que contribua para compreender a relação entre trabalho docente, emoções e adoecimento no contexto investigado.

A pesquisa será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual de Santa Cruz. A análise dos dados considerará as articulações entre emoções, trabalho

emocional, comunidades emocionais, adoecimento docente e Letramento Emocional Crítico, buscando compreender os sentidos atribuídos pelos participantes às suas experiências.

DISCUSSÃO

Parte-se da expectativa de que as narrativas docentes revelem emoções relacionadas a desafios recorrentes da educação pública contemporânea, como sobrecarga de trabalho, desvalorização profissional, conflitos institucionais, insegurança, frustração, esperança, pertencimento e resistência. Espera-se identificar de que modo essas experiências emocionais produzem formas específicas de trabalho emocional e como se articulam aos processos de desgaste, sofrimento, mal-estar e adoecimento docente.

A partir dos resultados, por meio das análises das narrativas dos docentes de línguas, espera-se compreender como as emoções se relacionam às estruturas institucionais e às relações de poder que organizam o cotidiano escolar. Nesse contexto, as contribuições de Ahmed (2014) permitem observar por meio das lentes do letramento emocional crítico, como determinados modos de sentir são socialmente produzidos e regulados, enquanto Benesch (2017) possibilita compreender as emoções docentes como respostas críticas às condições de trabalho.

Espera-se, ainda, que os espaços de reflexão fundamentados no Letramento Emocional Crítico favoreçam processos de conscientização, resistência e ressignificação das experiências vividas pelos professores. Inspirada na perspectiva freireana de ação-reflexão-ação, a pesquisa pretende promover oportunidades para que os participantes analisem criticamente as condições institucionais, sociais e políticas que atravessam suas experiências emocionais, fortalecendo sua agência profissional. Ao articular emoções, trabalho emocional, adoecimento docente e Letramento Emocional Crítico, esta pesquisa poderá contribuir para o avanço das discussões sobre formação de professores de línguas, justiça social e educação pública no contexto da Linguística Aplicada contemporânea.

Palavras-chave: Letramento Emocional Crítico. Ensino de Línguas. Trabalho emocional. Formação de professores. Linguística Aplicada Crítica.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. *The cultural politics of emotion*. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

ANDRADE NETA, Nair Floresta. *Emociones y sentimientos en la formación de profesores de Español como Lengua Extranjera*. 2011. Tese (Doutorado em Didáctica de las Lenguas y la Literatura) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2011.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. *A importância do letramento emocional na formação de professores de línguas*. In: COLOMBO GOMES, Gysele da Silva; GATTOLIN, Sandra Regina Buttros (org.). *Sob a mira das emoções: caminhos múltiplos para letramentos emocionais*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024. p. 20-42.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. *Letramento Emocional no Ensino de Línguas*. In: TOLDO, Claudia; STURM, Luciane (Orgs.). *Letramento: práticas de leitura e escrita*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

BENESCH, S. *Emotions and English Language Teaching. Exploring Teachers' Emotional*. New York; London: Routledge, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315736181>.

CLOUGH, Patricia Ticineto; HALLEY, Jean (org.). *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Durham: Duke University Press, 2007.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GOMES, Gysele da Silva Colombo. *Prática Exploratória, identidades e emoções na formação de professores de línguas*. 2014. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HOCKCHILD, Arlie Russel. *The managed heart: commercialization of human feeling*. Bakerley, University of California Press, 1983. In: Bonelli, Maria da Gloria. *Arlie Hochschild e a sociologia das emoções*. Cadernos Pagu (21) 2003: p. 357-372.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. *O nome atual do mal-estar docente*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

ROSENWEIN, Barbara H. *História das emoções: problemas e métodos*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ZEMBYLAS, Michalinos. *Discursive practices, genealogies, and emotional rules: A poststructuralist view on emotion and identity in teaching*. Elsevier Ltd All rights reserved. 2005. p. 935-948. doi: 10.1016/j.tate.2005.06.005.

PRÁTICAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO *INSTAGRAM*: A CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO EMOCIONAL DIGITAL PARA O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Edielle Santos Moura¹

Rodrigo Camargo Aragão²

APRESENTAÇÃO

Este projeto de tese nasce de inquietações construídas ao longo de minha trajetória de pesquisa desde a iniciação científica, sobretudo a partir dos resultados obtidos em minha dissertação de mestrado, desenvolvida em 2024 com professores em formação inicial na disciplina de Estágio Supervisionado de Regência em Língua Inglesa da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Naquela investigação, busquei problematizar a formação inicial de professores diante dos desafios da desinformação, analisando como os licenciandos compreendiam as dinâmicas de produção e circulação de informações nas tecnologias digitais e como percebiam seu papel nesse cenário.

Entre os resultados principais, assinalo a relevância das redes sociais nos processos de busca, acesso e construção do conhecimento, frequentemente utilizada em substituição a mídias tradicionais e a fontes acadêmicas especializadas (Moura, 2025). Esse resultado evidencia mudanças nas práticas informacionais dos futuros professores, o que nos leva a refletir sobre como o conhecimento científico circula, em ambientes digitais que permeiam as esferas social, acadêmica e profissional. Nesses espaços, os sujeitos acessam informações, mas também produzem significados, negociam identidades, experienciam emoções e constituem modos de ser, agir e conhecer.

O lançamento público do ChatGPT, em novembro de 2022, consolidou uma nova etapa no desenvolvimento e no uso das tecnologias digitais, reconfigurando os processos de produção do conhecimento. Somado ao avanço de outros modelos de Inteligência Artificial Generativa, como Claude, Copilot, Gemini, Llama e Maritalk (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024), esse cenário tem reconfigurado atividades relacionadas à

¹ esmoura.ppgl@uesc.br. Bolsista FAPESB.

² rcaragao@uesc.br.

criação, organização e processamento de informações. À medida que essas tecnologias passam a integrar os processos de produção de conhecimento, surgem novos desafios e possibilidades para a educação e a ciência, tornando necessária a compreensão de como tais transformações influenciam os modos de ensinar, aprender e construir conhecimento na contemporaneidade.

Foi nesse contexto que surgiu o perfil profissional da pesquisadora (@profediellemoura), concebido como uma experiência de divulgação científica voltada à socialização de conhecimentos produzidos no campo das tecnologias digitais, da Inteligência Artificial. Paralelamente, surgiu o perfil do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Tecnologias e Educação (FORTE) (@forte.uesc) que atua na divulgação de pesquisas, projetos, eventos e ações formativas relacionadas à educação, às tecnologias digitais e às suas interfaces com as emoções. Ao longo desse percurso, a divulgação científica deixou de constituir uma estratégia de compartilhamento do conhecimento e passou a configurar-se como objeto de investigação do doutorado, mobilizando reflexões sobre as dinâmicas da cultura científica em ambientes digitais, os processos de circulação e apropriação do conhecimento científico e as relações que os sujeitos estabelecem com a ciência nas redes sociais digitais.

As reflexões aqui apresentadas constituem um recorte inicial de uma investigação mais ampla, cujas etapas de coleta e análise de dados ainda se encontram em desenvolvimento. Assim, o trabalho não apresenta resultados, mas reúne observações preliminares, pressupostos teóricos e questões emergentes que vêm orientando a pesquisa. Reconheço, ainda, que os temas abordados (divulgação científica, tecnologias digitais, Inteligência Artificial e emoções) são fenômenos complexos, multifacetados e profundamente inter-relacionados, demandando um diálogo mais amplo com a literatura e análises mais aprofundadas do que aquelas possibilitadas pelo formato desta submissão.

Diante desse contexto, esta pesquisa busca responder à seguinte pergunta: como a divulgação científica desenvolvida no *Instagram* pode contribuir para a prática do Letramento emocional digital acerca do uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa?

A pesquisa utiliza o ambiente virtual tanto como campo de produção e coleta de dados quanto como objeto de análise das práticas e produtos de divulgação científica. Metodologicamente, define-se por seu caráter híbrido, articulando abordagens qualitativas e quantitativas na compreensão do fenômeno investigado (Moura, 2025; Hochsprung, 2026). Com base nessa problemática, o estudo tem como objetivo investigar

de que modo práticas de divulgação científica desenvolvidas no *Instagram* contribuem para a promoção do Letramento emocional digital acerca do uso ético, crítico e responsável da Inteligência Artificial Generativa, buscando compreender as formas de engajamento, interação e construção de sentidos mobilizadas pelos sujeitos nesse contexto.

Desse modo, a relevância desta pesquisa decorre de sua contribuição para o aprofundamento das discussões sobre as relações entre divulgação científica e letramento emocional digital. Ao investigar como conteúdos científicos compartilhados em redes sociais podem mobilizar reflexões, emoções e posicionamentos acerca do uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa, o estudo produz conhecimentos capazes de subsidiar tanto a comunicação pública da ciência quanto processos formativos. Além de oferecer contribuições metodológicas para a compreensão do papel das emoções nas interações com tecnologias digitais, a pesquisa fortalece a aproximação entre universidade e sociedade ao ampliar o acesso a informações científicas confiáveis em ambientes digitais amplamente utilizados pela população. Dessa forma, contribui para a formação de sujeitos mais críticos, reflexivos e conscientes diante dos desafios decorrentes da crescente presença da Inteligência Artificial na vida contemporânea.

OBJETIVO GERAL

Analisar como práticas de divulgação científica desenvolvidas no *Instagram* contribuem para a promoção do Letramento emocional digital sobre o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Mapear práticas de divulgação científica desenvolvidas no *Instagram* relacionadas ao uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa;
- Analisar como as interações estabelecidas na rede social digital expressam dimensões do Letramento emocional digital;
- Compreender de que maneira a produção de conteúdo científico em redes sociais digitais pode constituir-se como prática formativa;

- Problematicar as relações entre emoções, ética, cultura digital e Inteligência Artificial Generativa nas dinâmicas interacionais observadas no ambiente digital investigado.

JUSTIFICATIVAS

A divulgação científica constitui uma prática social e discursiva voltada à mediação entre o conhecimento produzido no espaço acadêmico e sua circulação para públicos não especializados, assumindo um papel importante na democratização do acesso à ciência. No cenário atual, esse processo é fortemente atravessado pela expansão das mídias digitais e das redes sociais, que reconfiguram as dinâmicas de produção, circulação e consumo da informação científica.

Estudos recentes evidenciam que plataformas como *Instagram*, *TikTok* e *YouTube* ampliam as possibilidades de engajamento e alcance da ciência, ao mesmo tempo em que introduzem novas formas de mediação discursiva, como a retextualização de conteúdos acadêmicos em formatos acessíveis e interativos (Almeida; Damasceno; Moreno-Rodríguez, 2024; Barros; Silva; Cristóvão, 2025). Nesse contexto, a divulgação científica se consolida como um campo em expansão, envolvendo dimensões institucionais, comunicacionais, pedagógicas e sociotécnicas (Cristóvão, 2024; Treulieb, 2020).

Apesar desse avanço, a literatura aponta importantes inconsistências e limitações. Se, por um lado, há a permanência de tensões entre engajamento e rigor científico nas plataformas digitais, sobretudo em ambientes como o *TikTok*, onde estratégias de linguagem e entretenimento podem tanto ampliar o alcance quanto favorecer simplificações excessivas (Calhares; Valério; Martins, 2026). Por outro lado, há fragilidades conceituais no campo da divulgação científica, com uso ainda pouco consolidado e, por vezes, polissêmico de termos como popularização, comunicação e difusão científica (Valério; Takata, 2025). Soma-se a isso a insuficiente institucionalização de políticas de divulgação nas universidades, frequentemente marcada por ações fragmentadas e comunicação predominantemente unidirecional (Chaves; Alvarez, 2025). Além disso, em nossa leitura, é necessário destacar que, de modo geral, os estudos têm se concentrado na produção de conteúdos, em detrimento da análise de sua recepção pelo público.

Por essa razão, considero que ainda há uma lacuna importante no campo, uma vez que são escassas as investigações que busquem compreender, de maneira integrada, como

os conteúdos de divulgação científica são produzidos, colocados em circulação nos ambientes digitais e apropriados pelos diferentes públicos. E, é justamente nesse ponto que a pesquisa proposta se insere, ao assumir uma perspectiva sistêmica que articula dimensões discursivas, institucionais e formativas frequentemente analisadas de forma isolada. Com isso, pretende-se ampliar a compreensão sobre os modos pelos quais o conhecimento científico é construído, compartilhado e significado nas redes digitais, bem como seus impactos na relação entre ciência e sociedade, particularmente em campos como a Linguística, que ainda enfrenta pouca visibilidade no espaço público (Leite; Carvalho, 2025; Hochsprung, 2026).

Sendo assim, a relevância desta pesquisa se fundamenta na necessidade de compreender como os processos de produção e circulação do conhecimento científico em ambientes digitais são constituídos por dinâmicas relacionais em que linguagem, emoção e convivência se entrelaçam (Maturana, 2002, Aragão, 2023). Em um cenário marcado pela intensificação das mídias digitais, pela mediação algorítmica e pela expansão da desinformação, torna-se essencial analisar a divulgação científica como prática de difusão de conteúdos, assim como espaço de constituição de sentidos e de formação dos sujeitos na cultura digital.

Nesse contexto, a investigação contribui para qualificar as práticas de divulgação científica ao evidenciar que a relação com a informação científica envolve dimensões cognitivas, emocionais e éticas indissociáveis, oferecendo subsídios teóricos para o fortalecimento do diálogo entre universidade e sociedade e para a compreensão do letramento emocional digital como categoria analítica pertinente às formas contemporâneas de aprender, comunicar e conhecer.

APARATO TEÓRICO

A prática da divulgação científica busca disseminar descobertas, ampliar a visibilidade das pesquisas e promover a circulação e o acesso às informações produzidas no âmbito da ciência. A DC está além da transmissão de informações científicas, pois configura-se como uma prática de mediação do conhecimento, capaz de favorecer processos de alfabetização científica, participação social e construção crítica de sentidos sobre ciência e tecnologia. Nesse sentido, compreender os processos de circulação do conhecimento em ambientes digitais implica discutir as diferentes formas pelas quais a ciência é produzida, comunicada e apropriada socialmente.

Segundo Leite e Carvalho (2025), no campo da Linguística, a divulgação científica configura-se como uma prática em expansão, acompanhando o crescimento das mídias digitais e das redes sociais como espaços de circulação do conhecimento. Entretanto, essa modalidade ainda não possui o mesmo nível de visibilidade, reconhecimento e alcance observado em áreas como as Ciências da Saúde e as Ciências Biológicas, historicamente mais consolidadas nos processos de popularização da ciência. Esse cenário pode estar relacionado tanto à menor tradição de divulgação científica na área quanto às dificuldades de traduzir discussões teóricas e conceituais da Linguística para públicos mais amplos. Assim, ampliar práticas de divulgação científica nesse campo torna-se relevante para fortalecer a circulação social dos estudos da linguagem, emoções e tecnologias digitais como a Inteligência Artificial.

A partir de uma revisão sistemática de literatura sobre o campo, entendemos que é importante distinguir as expressões que circulam para indicar tais práticas, como a comunicação científica, divulgação científica e marketing científico digital, ainda que todas essas práticas se articulem no contexto da cultura digital contemporânea. Dessa forma, a comunicação científica refere-se ao processo de produção, circulação e compartilhamento do conhecimento entre pesquisadores, constituindo um elemento fundamental para o desenvolvimento da ciência e para o avanço das investigações acadêmicas. Nesse âmbito, a circulação de informações ocorre prioritariamente entre pares, favorecendo debates, validação do conhecimento e o surgimento de novas pesquisas. Por sua vez, a divulgação científica volta-se ao diálogo com a sociedade, buscando democratizar o acesso ao conhecimento científico e aproximar a ciência do cotidiano das pessoas (Silva e Medeiros, 2025). Para Leite e Carvalho (2025),

A DC trata-se de um modo de disseminação diferente da comunicação científica costumeira nos interiores das comunidades científicas. Isso se dá porque a prática de DC parte do pressuposto do uso de uma linguagem acessível aliada a diversas estratégias comunicativas, para estabelecer pontes com o público leigo acerca de um conhecimento científico produzido em determinada área da ciência (Leite, Carvalho, 2025, p.3).

A discussão apresentada por Leite e Carvalho (2025) e Silva e Medeiros (2025) reforçam que a divulgação científica não significa a simplificação excessiva da produção acadêmica. Tal perspectiva torna-se ainda mais relevante no contexto das mídias digitais, em que diferentes plataformas demandam formas específicas de linguagem, interação e circulação de conteúdos. Dessa forma, a divulgação científica passa a ocupar um papel

estratégico na democratização do conhecimento e no fortalecimento da alfabetização científica em ambientes digitais.

De forma complementar, Silva e Medeiros (2025) compreendem o marketing científico digital como o uso de estratégias e ferramentas do marketing digital aplicadas à web social com o objetivo de ampliar a circulação e a popularização da ciência em ambientes digitais. Assim, as mídias sociais configuram-se como ferramentas para aumentar a visibilidade e o impacto de periódicos, pesquisas e produções acadêmicas, possibilitando que o conhecimento científico alcance não apenas pesquisadores e especialistas, mas também públicos mais amplos e menos especializados.

Diante dos avanços tecnológicos, os estudos no campo da Linguística Aplicada, doravante LA, têm enfatizado os novos contextos educacionais e as novas formas de conhecer, ser e interagir socialmente, sobretudo pelo impacto das emoções do sujeito no uso das tecnologias digitais (Barcelos et al., 2022; Barcelos; Aragão, 2018). No cenário atual, no qual as tecnologias digitais se tornam extensões dos sujeitos, é preciso compreender como isso envolve os processos de construção do conhecimento e as condutas socioculturais.

Diante disso, é por meio da divulgação científica que propomos o letramento emocional digital conceito que surge a partir da concepção de emoções proposto por Maturana (2002), e que se configura como um processo pelo qual os sujeitos interpretam, compreendem e atuam criticamente em ambientes digitais mediados por tecnologias, reconhecendo que as decisões éticas são indissociáveis das dinâmicas emocionais que orientam o agir, sobretudo em contextos de produção e circulação de conhecimento na era da Inteligência Artificial. Nessa perspectiva, o letramento emocional digital refere-se à capacidade de compreender, interpretar e agir de forma crítica e responsável em ecossistemas digitais, considerando que as ações humanas em ambientes tecnológicos não se constituem apenas por dimensões cognitivas, mas também por processos emocionais e relacionais.

Parte-se, assim, do pressuposto de que o uso ético da Inteligência Artificial não depende exclusivamente do domínio técnico ou do acesso à informação, mas também das formas pelas quais os sujeitos sentem, interpretam e atuam diante das tecnologias digitais. Tal compreensão torna-se relevante em um contexto marcado pela crescente presença da Inteligência Artificial Generativa nos processos de produção, circulação e validação do conhecimento, exigindo reflexões críticas acerca das relações entre emoções, ética e ação humana nos ambientes digitais contemporâneos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como objetivo investigar, por meio de uma abordagem híbrida, como práticas de divulgação científica desenvolvidas em dois perfis do *Instagram* contribuem para a promoção do Letramento emocional digital acerca do uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa (IAG). Para alcançar esse objetivo, a investigação articula procedimentos qualitativos e quantitativos. A dimensão qualitativa orienta-se pela compreensão dos sentidos, discursos, interações e práticas sociais construídas em ambientes digitais mediados por tecnologias, possibilitando uma análise aprofundada das experiências e dinâmicas interacionais produzidas no contexto investigado. Já a dimensão quantitativa busca identificar padrões de alcance, engajamento e participação dos usuários, complementando a compreensão do fenômeno estudado.

O contexto da pesquisa compreende dois perfis públicos do *Instagram* voltados à divulgação científica. O @profediellemoura, perfil profissional da pesquisadora para divulgação científica sobre IA, pesquisa e tecnologias digitais, e o @forte.uesc, perfil institucional do Grupo FORTE, que divulga pesquisas, eventos e ações formativas na interface educação-tecnologia-emoções, ambos selecionados com base em critérios de relevância temática, regularidade de publicações e engajamento do público.

Quanto à amostra, os participantes da etapa qualitativa serão recrutados a partir de convites publicados nos próprios perfis investigados. Estima-se a aplicação do questionário a, no mínimo, 30 respondentes por grupo, totalizando 60 participantes. Serão adotados como critérios de inclusão: (i) ter idade igual ou superior a 18 anos; (ii) acompanhar os perfis selecionados há pelo menos 30 dias; e (iii) manifestar concordância com os termos do TCLE. Serão excluídos participantes que não preencherem integralmente o instrumento de coleta. Os participantes serão organizados em dois grupos: (i) indivíduos vinculados ao contexto acadêmico, incluindo estudantes, professores e pesquisadores; e (ii) indivíduos sem vínculo direto com a academia, mas que acompanham os perfis investigados. Essa estratificação permitirá analisar como diferentes públicos percebem e interpretam as ações de divulgação científica desenvolvidas no *Instagram*, dialogando com as discussões de Hochsprung (2026) sobre a popularização da ciência e a necessidade de promover interlocuções entre públicos especializados e não especializados.

No que se refere à coleta de dados quantitativos, serão levantadas métricas de desempenho e engajamento das publicações veiculadas nos perfis selecionados. Serão

considerados indicadores como número de curtidas, comentários, compartilhamentos, salvamentos, alcance, visualizações e demais métricas disponibilizadas pela plataforma, buscando identificar padrões de interação dos usuários com os conteúdos de divulgação científica relacionados ao uso ético e responsável da IAG. Para a coleta da dimensão qualitativa, serão aplicados questionários on-line estruturados por meio da plataforma

Google Formulários a participantes voluntários. O instrumento contemplará questões sobre o perfil dos respondentes, conhecimentos sobre IAG, compreensão das publicações, percepções acerca do uso ético e responsável da IA, bem como aspectos relacionados às emoções e reflexões suscitadas pelos conteúdos.

Na análise quantitativa, por sua vez, os dados serão organizados em planilhas eletrônicas e sistematizados por meio de ferramentas de análise e visualização, como Gram Up ou Google Looker Studio / Google Data Studio, possibilitando a construção de gráficos, tabelas e painéis interativos (dashboards). Esses recursos permitirão observar tendências, níveis de engajamento e a circulação dos conteúdos produzidos, estratégia amplamente empregada em pesquisas sobre divulgação científica em redes sociais (Angeluci et al., 2023; Moura, 2025). Já a análise qualitativa das publicações e das respostas abertas dos questionários será realizada com o suporte do software MAXQDA, conforme procedimento adotado por Moura (2025), visando capturar as vozes dos sujeitos envolvidos (pesquisadores, estudantes e público em geral), conferindo maior densidade interpretativa ao material empírico. A ferramenta apoiará a transcrição, codificação e organização do corpus, contribuindo para a compreensão dos significados, percepções e emoções relacionados ao uso ético e responsável da IAG.

Cabe destacar que, antes do início da coleta, o projeto será submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UESC), em conformidade com as diretrizes éticas vigentes para pesquisas envolvendo seres humanos. A coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do Comitê e a emissão do respectivo parecer consubstanciado. Após a aprovação ética, os participantes terão acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo informações sobre os objetivos da pesquisa, procedimentos metodológicos, riscos, benefícios, garantia de sigilo, anonimato e demais aspectos éticos envolvidos. Somente após a manifestação de concordância com os termos apresentados os participantes serão direcionados à seção de identificação e, posteriormente, às questões que compõem o instrumento de pesquisa.

Por fim, como apoio às atividades de pesquisa, foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial em suas versões gratuitas e de forma complementar, sempre sob supervisão da pesquisadora. O NotebookLM foi empregado para auxiliar na leitura, organização e fichamento de artigos científicos, teses e outros documentos acadêmicos, enquanto o ChatGPT foi utilizado exclusivamente para revisão ortográfica, gramatical e textual. As interpretações, análises, decisões metodológicas, seleção de referências e conclusões apresentadas neste estudo permaneceram sob responsabilidade integral da pesquisadora.

DISCUSSÃO

No contexto deste estudo, espera-se que as práticas de divulgação científica desenvolvidas nos perfis evidenciem o potencial das redes sociais digitais como espaços formativos capazes de promover reflexões críticas sobre o uso ético, seguro e responsável das tecnologias digitais e da Inteligência Artificial na educação. Pois, os dados gerados por meio quanti-qualitativo, considerando postagens, comentários, compartilhamentos, curtidas, enquetes e demais interações, poderão revelar como os sujeitos constroem sentidos acerca das tecnologias digitais e das emoções mobilizadas nesses processos de interação online. Além disso, espera-se identificar indícios de desenvolvimento do letramento emocional digital, no que se refere à criticidade diante da Inteligência Artificial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. V. V. de; DAMASCENO, M. L.; MORENO-RODRÍGUEZ, A. S. Potencialidades das redes sociais virtuais para a Divulgação Científica. **Educação Pública - Divulgação Científica e Ensino de Ciências**, v. 3, n. 3, nov. 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/divulgacao-cientifica/index.php/educacaopublica/article/view/221>. Acesso em 9 maio 2026.

ANGELUCI, A. C. B.; PASSARELLI, B.; FALANDES, C. G.; GARCIA, M. P. Jovens e os Stories do Instagram: estudo netnográfico durante a pandemia da Covid-19. *Information Research*, [S.l.], v. 28, n. 4, 2023. DOI: 10.47989/ir284645. Disponível em: <https://doi.org/10.47989/ir284645>. Acesso em: 29 maio 2026.

ARAGÃO, R. Emoção, linguagem, reflexão e ação. In: GOMES, Gysele da Silva Colombo; BARCELOS, Ana Maria Ferreira (orgs.). *Emoções e ensino de línguas*. Curitiba: Editora CRV, 2023. 187 p. Disponível em:

<https://www.pplinerj.com.br/documentos/Emo%C3%A7%C3%B5es%20e%20Ensino%20de%20L%C3%ADnguas-1.pdf> Acesso em: 19 nov. 2023.

BARCELOS, A. M. F.; ARAGÃO, R. C. Emotions in Language Teaching: a review of studies on teacher emotions in Brazil. *Chinese Journal of Applied Linguistics*, v. 41, p. 506-531, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330782561_Emotions_in_Language_Teaching_A_Review_of_Studies_on_Teacher_Emotions_in_Brazil Acesso em: 26 Maio 2023.

BARCELOS, A. M.; ARAGÃO, R. C.; RUOHOTIE-LYHTY, M.; GOMES, G. Contemporary perspectives on research about emotions in language teaching. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 22, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6398202221654>. Acesso em: 01 set. 2024.

BARROS, E. M. D. de; SILVA, Á. C.; CRISTOVÃO, V. L. L. A produção de um roteiro de podcast de divulgação científica: análise de processos de retextualização. *Claraboia*, n. 23, p. 11-33, jan./jul. 2025. Disponível em: <https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1934>. Acesso em: 20 maio 2026.

CALHARES, P. M.; VALÉRIO, M.; MARTINS, E. K. Um olhar sobre perfis e conteúdos de divulgação científica na plataforma e Rede Tiktok. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 41, n. 123, p. e17916, 2026. DOI: 10.21527/2179-1309.2026.123.17916. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/17916>. Acesso em: 18 jun. 2026.

CHAVES, D. A. do L.; ALVAREZ, E. B. Institucionalização da divulgação científica por redes sociais nas universidades federais brasileiras. *Biblios*, [s. l.], n. 88, e011, 2026. DOI 10.5195/biblios.2025.1224. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/2060/2118. Acesso em: 18 jun. 2026.

HOCHSPRUNG, V. **A divulgação científica e popularização da Linguística**. 2026. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2026.

LEITE, E. G.; CARVALHO, Eduardo Gonçalves de. Mapeamento de ações de divulgação científica da Linguística no Brasil. *Revista da Anpoll*, v. 56, e2025, 2025. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v56.2025>. Acesso em: 6 maio 2026.

LOPES CRISTOVÃO, Vera Lúcia. Cartografia de pesquisas sobre divulgação científica. *PROLÍNGUA*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 41–57, 2025. DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2024v19n2.71544. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/71544>. Acesso em: 18 jun. 2026.

MATURANA, H. Emoções e linguagem na educação e na política. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MOURA, E. S. *Formação de professores de língua inglesa no contexto da desinformação*. 2025. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2025.

MOURA, R. A. T. de. *Análise Multivariada de conteúdos da cultura científica via ciência de dados sociais e aprendizado de máquina RAG-LLM (Geração Aumentada por Recuperação para Modelos Linguísticos de Grande Dimensão)*. 2025. 334 f. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2025.

SAMPAIO, R.C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. *Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa: um guia prático para pesquisadores*. São Paulo: Editora Intercom, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/teccogs/article/view/67064>. Acesso em: 4 dez. 2025.

SILVA, I. C. O. da; MEDEIROS, I. P. de. *Divulgação científica em mídias sociais: mapeamento dos periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto em Ciência da Informação*. *Biblios*, n. 87, e011, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5195/biblios.2024.1210>. Acesso em: 6 maio 2026.

TREULIEB, L. **O uso das novas mídias na divulgação científica nas universidades públicas de São Paulo**. 2020. 235 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2020.

OS PROCESSADORES DE LINGUAGEM NATURAL EM *LARGE LANGUAGE MODEL* DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS GENERATIVAS: A INVENÇÃO TECNOLÓGICA DE UMA TEORIA DA ENUNCIÇÃO

Valdicléa Souza¹

Urbano Cavalcante da Silva Filho – Orientador²

APRESENTAÇÃO

O campo das ciências computacionais vem desenvolvendo processadores de linguagem natural há décadas. Contudo, a área vem ganhando visibilidade na sociedade tecnologicamente hiperconectada com a popularização, no mundo inteiro, das inteligências artificiais generativas (IAGs). São máquinas que interagem com seres humanos com capacidade de produzir enunciados concretos semelhantes aos humanos sobre uma grande diversidade de formas e de estilos. Isso é possível por causa do *Large Language Model* (LLM), um processador treinado com enorme volume de dados e com técnicas de aprendizado profundo (*deep learning*).

Enquanto os processadores anteriores funcionam a partir de árvores de decisão, *scripts*, esquemas e *frames*, os LLMs são treinados para, a partir de extenso volume de dados, descobrir padrões. O aprendizado parte da ideia de que todo fenômeno humano se manifesta através de um movimento ambivalente em direções simultâneas de estabilização e instabilização. Sendo assim, o sistema busca padronizações quando treinado massivamente com dados dos desenvolvedores e, na mesma medida, aprende também a identificar as repetições através de *feedback* e nas instabilidades das interações com os humanos. O resultado disso é que os humanos vêm estabelecendo relações sociotécnicas com máquinas falantes capazes de reconhecer, em certa medida, as intencionalidades e de responder a demandas contextuais e a formas de endereçamento.

Observamos, com isso, o movimento dialético-dialógico de mobilização e de aplicação matemática de um conjunto de pressupostos e de conceitos construídos ao longo da história, tanto pela filosofia quanto pelas ciências da linguagem, transformados em uma roupa feita de retalhos que veste um *Frankenstein*. Há uma aproximação de teorias consideradas divergentes por meio de uma amarração discursiva computacional. Enxergamos, com as lentes dialógicas de Bakhtin (2010) e Volochínov (2021), um projeto de língua(gem) identificadora de padrões em busca, concomitantemente, de sua estabilização por meio da validação e da legitimação

¹ Doutoranda no PPGL: Linguagens e Representações (UESC). E-mail: vsouza.ppgl@uesc.br [Bolsista da CAPES].

² Professor do PPGL: Linguagens e Representações (UESC). E-mail: urbano@ifba.edu.br

científica, assim como por intermédio da divulgação e da disseminação das IAGs na vida cotidiana das pessoas.

Sabemos com os pós-estruturalistas, como Bakhtin (2010), Foucault (2007), Derrida (2005), que a relação entre os sujeitos e as coisas é intermediada por uma realidade discursiva. Significamos as coisas por meio da linguagem. A linguagem funda, arquiteta e faz funcionar uma maquinaria, mas é, simultaneamente, retroalimentada pelos seus artefatos. Signos, símbolos, formas, desenhos, imagens e cenários dão utilidade e reforçam os sentidos das coisas no mundo, porque todo sistema está alicerçado em ideologias, estas decorrentes de um jogo dialético de trocas simbólicas.

É diante desse quadro que emerge a nossa inquietação acerca desse modelo de comunicação. Podemos afirmar que realmente existe uma comunicação entre humanos e IAGs? O que é necessário para que uma comunicação ocorra? A relação é entre sujeito-sujeito ou entre sujeito-objeto? Estamos diante de uma representação da comunicação humana ou da constituição de outra moldura enunciativa? Em síntese, o que se quer saber é: a partir de sistemas ideológicos relativamente estáveis e de uma ideologia do cotidiano, como se tem constituído um modelo tecnológico de enunciação entre humano e Inteligência Artificial Generativa?

Tentar responder a tais questões é necessário, na medida em que precisamos compreender e estabelecer, por um viés crítico, bases hermenêuticas que permitam uma interpretação coerente da configuração dos modelos contemporâneos de interação discursiva, fortemente marcada pela intervenção tecnológica. O plano de pesquisa aqui apresentado tem como intuito analisar a constituição e o funcionamento das bases teóricas de um modelo de enunciativo tecnológico sustentado por uma estrutura capitalista de exploração de dados e da informação.

Significa dizer que não podemos perder de vista que o debate aqui diz respeito ao estudo das tecnologias conectadas à sua realidade material que, por seu turno, considera que as formas contemporâneas de linguagem, de subjetivação e de produção discursiva se dão sobre um lastro estrutural do capitalismo de vigilância. Acreditamos, por isso, que o tema deve integrar os debates acadêmicos e a esfera pública, hoje fortemente tensionada pelo projeto de uma infocracia (Han, 2022).

OBJETIVOS

GERAL

Formular um arcabouço conceitual para o campo emergente de uma enunciação tecnológica, baseado em modelos de larga escala de Processamento de Linguagem Natural (*Large Language Models* – PLN-LLM) das Inteligências Artificiais Generativas (IAGs).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Descrever o funcionamento do sistema linguístico-matemático dos modelos de linguagem em larga escala, analisando suas relações com princípios da tradição estruturalista e propondo um marco conceitual para a noção de *língua-token* como forma de materialidade linguística nos PLN-LLM.
2. Problematicar as concepções de linguagem subjacentes aos modelos de PLN, examinando como tais concepções influenciam sua arquitetura, funcionamento e limites, especialmente no que diz respeito aos processos de metaforização e metonimização característicos da linguagem humana na lógica do reflexo e da refração.
3. Analisar a noção de sujeito na tradição epistemológica racionalista e histórica em contraste com a ausência ou reformulação dessa categoria nos modelos de linguagem, investigando as implicações dessa diferença para a constituição de uma racionalidade possível no âmbito da enunciação tecnológica, assim como delineando a construção tecnológica de um certo *si-tecno*.
4. Examinar a noção de discurso enquanto instância simultaneamente veiculada e veiculadora nos modelos de linguagem, analisando os sistemas ideológicos relativamente estáveis que sustentam o discurso tecnológico, bem como as condições sócio-históricas que possibilitam sua emergência, circulação e legitimação e como as intencionalidades, a responsividade e a prefiguração dos sujeitos se dão a partir dos *prompts* e da predição de comportamentos linguístico-discursivos.

JUSTIFICATIVA

Considerando que o campo de processamento de linguagem natural vem desenvolvendo uma língua lógica que, de certa forma, tenta reduzir a complexidade da linguagem humana a cálculos estatísticos; considerando que essa língua vem acompanhada por uma agenda do pensamento computacional, o que implica a construção de artefatos

discursivos e técnicos que interrogam a condição da existência humana, suas capacidades e suas relações no mundo; e considerando que, em conexão com essa agenda, as Inteligências Artificiais Generativas não são meras ferramentas sobre as quais os humanos agem ou detêm controle absoluto, pois passam a dividir espaço com eles no processo de interação e de produção de saberes, acreditamos que o modelo híbrido que surge dessa relação deve ser objeto de análise das ciências da linguagem.

A pesquisa se justifica, ainda, por se inserir no debate de uma linguística crítica interessada em interrogar seus próprios postulados diante do avanço das ciências exatas sobre domínios historicamente vinculados às ciências da linguagem. Ao mobilizarem noções como língua, contexto, sentido, interlocução e resposta, os processadores de linguagem natural em larga escala exigem uma reflexão mais sistemática sobre os modos como saberes da tradição linguística vêm sendo apropriados, deslocados e reconfigurados em artefatos técnico-discursivos.

APARATO TEÓRICO

De acordo com Russell e Norvig (2024), os processadores de linguagem natural representam, concomitantemente, seu objeto de estudo e a grande área da Linguística Computacional. Trata-se de um campo transdisciplinar voltado à construção de artefatos digitais que ampliam a cognição humana e de uma língua(gem) capaz de decompor problemas, identificar padrões e resolver situações da língua natural por meio de algoritmos. Nesse horizonte, a língua(gem) constitui parte importante do pensamento computacional, entendido, a partir de Wing (2006), como um modo de raciocínio orientado por abstração, decomposição, reconhecimento de padrões e resolução de problemas.

No caso dos processadores de linguagem natural em larga, essa lógica se torna ainda mais evidente. Por detrás de *prompts* e *outputs*, funcionam uma gramática lógica, uma pragmática computacional e uma semântica distribucional por intermédio das quais se vislumbra um sistema híbrido que se ancora na palavra humana e em sequências numéricas. É nessa direção que propomos a noção de *língua-token*, isto é, uma língua discretizada em unidades manipuláveis por modelos estatísticos e matemáticos.

Nessa língua, Saussure (2006) deixa suas pegadas com o princípio de discretização, segundo o qual um número limitado de unidades permite combinações ilimitadas. A dupla articulação de Martinet (1978) esclarece esse processo, já que, por meio de uma matemática discreta, números finitos são capazes de produzir combinações infinitas. Essas combinações

numéricas participam da rotulagem das palavras e da comunicação entre humanos e máquinas. Chomsky e Moro (2023), ainda que hoje se coloquem criticamente diante do desenvolvimento de seres artificialmente inteligentes, também integram esse horizonte por sua contribuição à formalização da linguagem e à construção de gramáticas probabilísticas e livres de contexto, traço ainda perceptível na arquitetura dos modelos contemporâneos.

Frege (1978), ao propor a triangulação entre sinal, sentido e referência e ao deslocar o sentido para os processos lógicos do pensamento, abre uma senda para pensar o funcionamento de sistemas capazes de operar com o sentido objetivo sem jamais terem acesso direto ao mundo humano da experiência. Outro aspecto importante diz respeito ao sistema de significação. A máquina traduz a linguagem natural por meio de uma semântica distribucional contextualizada. Segundo Russell e Norvig (2024), o interesse da área não é apenas que a máquina seja capaz de traduzir a linguagem humana por meio de árvores de decisão e predição de comportamentos, mas que ela seja capaz de se comunicar com os seres humanos sem limitação de temas.

Para tanto, em vez de trabalhar apenas com categorização de campos semânticos fechados, os modelos atuais funcionam a partir de redes neurais e do dispositivo de *self-Attention* (Vaswani et al., 2017). Através deles, o significado não é necessariamente fixo, mas dependente das relações contextuais entre unidades linguísticas. Fundamentadas nas metáforas do cotidiano de Lakoff e de Johnson (2016), as IAGs são capazes de interagir observando ambiguidades, vazios e processos de metaforização e metonimização da linguagem humana. Ainda assim, o contexto tecnológico em que essa linguagem opera não pode ser pensado apenas como cenário externo.

É nessa relação entre linguagem, técnica e produção de sentido que vamos analisar a emergência de um campo teórico de uma enunciação tecnológica, compreendida como um modelo de enunciação que hibridiza elementos da matemática e da linguagem humana. Partimos do entendimento de que não existe código sem enunciação e não existe enunciação sem código, assim como não existe enunciação sem sujeito. Portanto, a enunciação inventada pelo campo das ciências exatas traz rastros das teorias da enunciação humana. A grande questão é que a tradição linguística construiu, em grande medida, seus quadros de compreensão do mundo tendo como centralidade os seres humanos. Nas teorias da enunciação de Benveniste (2020) e Bakhtin (2016), por exemplo, locutor, interlocutor, intencionalidade, responsividade e produção de sentidos aparecem vinculados a sujeitos historicamente situados. A interação com as IAGs, entretanto, exige um reposicionamento dessas categorias.

Nesse modelo híbrido, vemos máquinas que aprendem com os humanos e compartilham espaço no processo de comunicação, ao mesmo tempo em que participam de formas de padronizações do comportamento por meio de algoritmos. Sustentados pelo par pergunta-resposta (*prompts-outputs*), humanos e máquinas produzem enunciados que respondem e trazem marcas das condições materiais e do contexto imediato de comunicação. Ancorados em Volochínov (2021), compreendemos, então, o contexto tecnológico como uma categoria constitutiva desse campo conceitual, na medida em que ele não é apenas pano de fundo, mas elemento dinâmico que interfere no processo de significação. O contexto abarca tanto o meio social tecnológico mais amplo e seus sistemas ideológicos relativamente estáveis quanto a noção de aqui/agora atravessada pelos artefatos tecnológicos, o que se aproxima da ideologia do cotidiano.

Isso revela outro traço importante desse campo emergente: a necessidade de interrogar a noção de sujeito. Foucault (2019), em *A hermenêutica do sujeito*, evidencia como paradigmas ontológicos e epistemológicos constroem uma forma-sujeito por meio de suas tecnologias e de seus metadiscursos. Em uma perspectiva sociomaterialista, importa considerar que os recursos materiais e tecnológicos disponíveis no mundo, ao atravessarem a experiência humana, tornam-se traços constitutivos de sua natureza. Daí pensarmos em um *si-tecno* que se constitui na relação entre homem e máquina, ancorado por uma espacialidade e por uma temporalidade tecnológicas.

METODOLOGIA

A investigação organiza-se por meio de uma abordagem qualitativa de natureza analítico-discursiva, fundamentada na perspectiva dialógica da linguagem provinda do círculo bakhtiniano, uma vez que esta compreende a linguagem como sistema resultante das interações sociais mediadas por enunciados concretos, cuja análise considera o meio social amplo, as condições imediatas de produção, circulação e interpretação e suas estruturas.

A unidade de análise adotada nesta pesquisa não corresponde ao texto isolado nem a um sistema técnico em si, mas a enunciados concretos produzidos pelo campo da Linguística computacional e ao evento enunciativo tecnológico, entendido como a situação de interação entre sujeitos humanos e agentes algorítmicos sustentados por modelos de larga escala de processamento de linguagem natural. Interessa-nos observar como, dessa forma, se reorganizam as relações entre língua, sujeito, discurso e contexto.

Quanto ao *corpus*, contemplamos diferentes esferas de produção discursiva: (1) produções científicas da área de processamento de linguagem natural e inteligência artificial, incluindo artigos e textos acadêmicos que explicitam os fundamentos teóricos e operacionais dos modelos de linguagem; (2) livros que versem sobre inteligência artificial e processadores de linguagem natural, trazendo noções básicas e sustentações teóricas do funcionamento dos modelos; (3) textos de divulgação científica; e (4) enunciados resultantes da interação entre pesquisador e IA, organizados em diálogos compostos por pares *prompts-outputs*.

Para a organização desse *corpus*, levamos em consideração a orientação de Volochínov (2021), já que definimos como campo de análise enunciados provenientes tanto dos sistemas ideológicos relativamente estáveis quanto da ideologia do cotidiano, a fim de perceber como ambos estabelecem entre si um movimento dialético-dialógico de estabilização e modificação dos princípios fundadores de uma enunciação tecnológica. Desse modo, o *corpus* será constituído mediante três critérios: (1) relevância temática, contemplando materiais que tratem de processadores de linguagem natural e seus elementos constitutivos; (2) recorrência conceitual, com presença das noções de língua, linguagem, sujeito, discurso e contexto; e (3) representatividade, buscando considerar diferentes esferas discursivas e gêneros que permitam vislumbrar o movimento entre a força reguladora dos sistemas estáveis e a força de apropriação do sujeito na vida cotidiana.

O procedimento analítico se organiza em momentos interconectados. Inicialmente, pretendemos realizar a seleção e a organização dos enunciados, considerando as condições de produção e os contextos institucionais, tecnológicos e interacionais. Em seguida, faremos o recorte de trechos para análise, orientados pelas categorias teóricas mobilizadas, pelas relações dialógicas entre enunciados e sujeitos da situação comunicativa e pelas estruturas linguístico-discursivas emergentes, sem desconsiderar as condições éticas, estéticas, espaciais e temporais implicadas na interação entre pesquisador e IAGs.

A análise se estrutura, assim, por meio de eixos analíticos construídos a partir da articulação entre a teoria dialógica da linguagem do círculo bakhtiniano e as especificidades do objeto pesquisado. Em especial, nos guiaremos pelas exigências do método sociológico volochiniano, segundo o qual não se pode separar a ideologia da realidade material do signo, nem o signo das formas concretas da comunicação social, nem a comunicação de sua base material. Considerando o movimento dialético-dialógico proposto por Bakhtin e Volochínov, o procedimento de análise buscará identificar regularidades, tensões e deslocamentos de sentidos na constituição de um sistema linguístico-tecnológico, permitindo a formulação de

categorias analíticas e proposições conceituais como *língua-token*, *signo-token*, *si-tecno*, *tecnodiscurso* e *enunciação tecnológica*.

DISCUSSÃO

Conscientes da contemporaneidade do fenômeno estudado, da instabilidade dos modelos de linguagem em larga escala das IAGs, da falta de coesão no desenvolvimento de estudos acerca de uma enunciação pautada na interação homem-máquina e do fato de as tecnologias da informação estarem em constante transformação, pretendemos, com esta pesquisa, trazer apontamentos conceituais sobre a invenção de uma emergente enunciação tecnológica, a qual vem sendo desenvolvida tanto no campo científico das ciências exatas quanto na práxis humana por meio das interações com as IAGs.

Isso implica interrogar noções como língua, sujeito, discurso e contexto, bem como refletir sobre o sujeito, que deixa de ser pensado como centro unificado da produção discursiva e passa a ser compreendido em articulação com mediações sociotécnicas. A língua(gem) manifesta-se, nesse quadro, por meio de um tecnodiscurso ancorado em uma sociedade marcada pela intervenção técnica, isto é, uma língua inventada em laboratórios, mas já implicada nas práticas cotidianas de interlocução, circulação de sentidos e produção de saberes.

Palavras-chave: Inteligências Artificiais; Teoria Dialógica da Linguagem; Enunciação tecnológica.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

CHOMSKY, Noam; MORO, Andrea. *O segredo das palavras*. Trad. Gabriel de Ávila Othero e Sergio de Moura Menuzzi. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978.

HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Trad. Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

RUSSELL, Stuart; NORVIG, Peter. *Inteligência artificial: uma abordagem moderna*. Trad. Daniel Vieira e Flávio Corrêa da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2024.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VASWANI, Ashish et al. Attention is all you need. In: *Advances in Neural Information Processing Systems*, v. 30, 2017. Disponível em: <[1706.03762v7](#)>. Acesso em: jun./2026.

VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021.

WING, Jeannette M. Computational thinking. *Communications of the ACM*, New York, v. 49, n. 3, p. 33-35, mar. 2006. Disponível em: <[\(PDF\) Computational Thinking](#)>. Acesso em: jun./2026.

EIXO III:

LINGUAGENS, RACIALIDADE
E GÊNERO

***PAI, PAI E MEU IRMÃO, EU MESMO* DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN: O(S) (NÃO) AFETO(S) EM UMA PARENTALIDADE PRESUMIDA**

Alessandra Santana do Rosário¹
André Luís Mitidieri Pereira (orientador)²

INTRODUÇÃO

Conforme as pesquisas de Leonor Arfuch (2010; 2023) o “espaço biográfico” pode ser compreendido como uma zona constituída por formas discursivas, espacialidade e tempo, em que “heranças, genealogias e relações de presença e ausência se condensam de forma significativa” (Arfuch, 2010, p.22). Assim, torna-se um local onde “pessoas, neste caso particular, representativas da diversidade sexual e de gênero, possam encontrar lócus e veículo para expressão de suas subjetividades, experiências, dicções, gostos, gestuais, afetividades etc. (Mitidieri; Silva; 2019, p. 225).

Nesta interação, elucidamos alguns aspectos que transitam por multiplicidades de formas, memórias, vivências, símbolos. Entre o público e o privado, os pequenos detalhes de uma vida associam-se ao corpo, deslizando às margens da sociedade heteronormativa, como podemos notar a partir da análise das obras literárias *Pai, Pai* (2017), e *Meu irmão, eu mesmo* (2023), de João Silvério Trevisan.

No primeiro desses romances, temos uma escrita-poética que aborda a presença-ausência de um pai contaminado pelo vício do alcoolismo, José, e o seu afeto paterno ganhando cada vez mais distância para com seu filho gay. No segundo, Trevisan retoma suas experiências pessoais por meio de uma narrativa autobiográfica e, ao mesmo tempo, biográfica, neste último caso, centrada em seu irmão, Cláudio. Assim como em *Pai, Pai* (Trevisan, 2017), a escrita constitui-se como um espaço privilegiado de rememoração e reconstrução de si, no qual a literatura opera como instrumento de elaboração das dores, medos, luto, perdas e vulnerabilidades que atravessam sua trajetória. O autor revisita um período marcado por profundas incertezas, tanto em âmbito pessoal quanto coletivo, evocando o medo da morte decorrente do diagnóstico de HIV, em um contexto histórico no qual a epidemia de AIDS ainda era cercada por estigmas, desconhecimento e elevadas taxas de mortalidade.

Os livros citados integram uma trilogia autobiográfica que será concluída com a publicação de *Antropofágico amor*, ainda inédito. Segundo o próprio autor, em entrevista concedida a Renan Quinalha e Amauri Arrais,³ o terceiro volume encerrará um amplo ciclo de

¹ asrosario.ppgl@uesc.br Bolsista FAPESB.

² almpereira@uesc.br

³ [...] “*Antropofágico amor*, a terceira parte da trilogia, tem o título retirado de um verso de um poema meu em um período [Digite aqui]

elaboração memorialística e afetiva, funcionando como uma reflexão sobre os vínculos que marcaram sua existência.

Assim, esta proposta de pesquisa traz como objetivo geral analisar a parentalidade envolvendo personagens gays, ao viés das articulações entre literatura e espaço biográfico, nas obras literárias anteriormente destacadas. Como objetivos específicos, propomos: I) investigar as configurações transviadas nas relações parentais, no modo em que afetam as personagens gays; II) analisar as ressignificações que as personagens realizam pela díade ‘eu-outro’, tendo os (não) afetos como mobilizadores de gestos e sentidos; III) compreender a relevância das narrativas parentais brasileiras contemporâneas – a partir das articulações entre espaço biográfico e literatura – para contribuir à desconstrução da lgbt+fobia na sociedade brasileira.

JUSTIFICATIVA

A justificativa desta proposta de pesquisa refere-se, em um primeiro momento, ao campo pessoal, pois ao decorrer da minha trajetória acadêmica, o interesse pela literatura foi despertado inicialmente com os estudos das obras literárias hispano-americanas. Assim, engajei-me na iniciação científica, através do grupo de pesquisa *O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura* (GPBIOH), sob coordenação do Prof. Dr. André Luis Mitidieri Pereira. Esse caminhar acadêmico possibilitou, logo após, a minha inserção ao mestrado, à linha C – Linguagem, Estudos de Gênero e Estudos do Discurso –, no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Além disso, relaciona-se à necessidade de aprofundar estudos que articulam literatura, espaço biográfico e dissidências sexuais e de gênero, contribuindo à sua divulgação. Desta forma, o projeto alinha-se às discussões contemporâneas acerca dos devires-encontros, nas narrativas (auto)biográficas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os corpos das personagens das obras selecionadas para esta pesquisa trazem um conjunto de lembranças, anamneses, pequenos detalhes, o que indica um vínculo entre a memória e a escrita (auto) biográfica. Nesta perspectiva, fornecem traços pessoais, vividos e,

em que estava claramente buscando suicídio. Estava no meio da construção de um movimento social para garantir a possibilidade do nosso amor e fui cruelmente abandonado, uma relação de cinco anos. A pessoa que fundou o Somos comigo é a outra protagonista dessa história. No meio de todo o desespero que eu sentia, tinha a crença profunda de que, se aquele amor estava morrendo à minha revelia, o grande amor ao qual eu estava dedicado não ia morrer. O que eu fiz para tentar buscar um raio de esperança? Mergulhei na minha literatura... "(Trevisan, 2023).

sobretudo, exprimem as manifestações do corpo, assim cabendo na advertência de François Dosse (2009, p. 308): “o corpo faz o papel de uma ‘palavra-maná’, inapreensível, multiforme, polimórfico; é o significante que ocupa todo o lugar do significado”.

Dosse (2009, p. 307) acrescenta que “a anamnese tem valor, sobretudo, por si mesma, independentemente do conteúdo; tem valor apenas como trabalho e não deve conduzir a relações de causalidade que encerre o eu numa história linear e coerente”. Percebemos que, através da anamnese factícia, há o surgimento de uma lembrança que não retoma uma memória passada, mas uma recordação que suscita o encontro entre o biógrafo e o biografado.

Torna-se necessário, nesse sentido, ir além do homoerotismo que, segundo José Carlos Barcellos (2006, p. 20) aborda, “é um conceito que abrange tanto a pederastia grega quanto as identidades gays contemporâneas, além, por exemplo, das relações afetivas conjugais ou na prostituição”. Como lembra Jaqueline Ribeiro Cabral (2021, p. 83),

é possível reconstituir a forma como estes são sujeitados pela ordem cisheterossexual e seu binarismo praticamente inescapável. Contudo, também é possível reconstituir a maneira como elas e eles resistem à dominação produzindo novos modos de vida, criando espaços de liberdade e um certo mundo particular como possibilidade de (re)existência. Daí a importância de falar dos processos de subjetivação que recriam a identidade pessoal a partir da identidade atribuída, ressignificando não só a própria subjetividade, a fabricação de si mesmo, mas engendrando novas maneiras de se relacionar com os outros.

Nesse esforço, podemos destacar João Silvério Trevisan, com suas experiências no exterior, exaltações políticas, feministas, sexuais, ecológicas e raciais. Pensar, portanto, em configurações transviadas e em outras possibilidades linguísticas como noção mais ampla do que literatura homoerótica, consiste numa tentativa de contemplar a dissidência sexual e de gênero e os modos como é tratada na sociedade cis-heteronormativa. Guacira Lopes Louro (2001), contudo, não deixa de abordar a importância do Movimento de Libertação Homossexual no Brasil, durante a ditadura militar, em que vários intelectuais exilados, jornalistas, escritores, entre outros, revelaram-se figuras importantes na defesa dos direitos dos homossexuais e sua descriminalização a partir da década de 1970.

Ainda que tais processos históricos tenham sido fundamentais para a constituição de formas de resistência e de reconhecimento político, conforme André Mitidieri, Fábio Camargo e Marcus Lima (2020),

Configurações *transviadas* na literatura e no espaço biográfico brasileiros assim não cessam de indicar práticas de violência e promoção da ininteligibilidade dos sujeitos. Não só por essa razão, a interseccionalidade com dinâmicas de classe social e étnico-raciais, dentre outras, constituiria, segundo Berenice Bento (2017), uma ‘meta programática’: ‘compreender o porquê dessa proliferação dos que estão fora, invisibilizados, mas, de fato, estão presentes como entes fantasmagóricos’ (Mitidieri; Camargo; Lima, 2020, p. 310-31, grifo dos autores).

Em alguns setores, as homossexualidades passam a ser compreendidas transversalmente pelos espaços de classe, etnicidade, raça, nacionalidade etc. Ações políticas de militantes e apoiadores visam à libertação da normatividade posta, da heterossexualização na sociedade. Trata-se de superar a integração social numa sociedade múltipla e a construção de uma comunidade e de culturas próprias. As formas de representá-las se alargam, contemplando outras identidades, e isso também se dará na literatura, por meio das configurações transviadas:

Desde sua prefiguração às margens de uma sociedade patriarcal, religiosa e terrivelmente homofóbica, configurações *transviadas* também em outros discursos requerem um trânsito crítico – dos olhares homoeróticos a reconfigurações *transviadas* –, equivalente à virada *cucaracha* que, análoga ao giro decolonial, opera tradução idiossincrática do ‘cuir’ como ‘estudos/ativismos *transviados*’ (Bento, 2017: 131). O grande desafio dessas reflexões no Brasil continua sendo a necessidade de transpassar os umbrais das universidades e, pois, da própria noção do que se denomina na academia de literatura (Mitidieri; Camargo; Lima, 2020, p. 310-311, grifo dos autores).

Por sua vez, a perspectiva das relações parentais – cunhada a partir da década de 1960 (Zornig, 2010) – estará presente nas duas obras literárias selecionadas, e compreende numerosos aspectos que se relacionam à realidade de cada um dos membros familiares. Em *Pai, Pai* (Trevisan, 2018), temos uma (não) relação de um pai ausente que constitui a presença para com seu filho; já em *Meu irmão, eu mesmo* (Trevisan, 2023), temos uma relação-outra (do protagonista com o irmão Cláudio e de si consigo mesmo). Para Zornig (2010), é preciso reconhecer a influência das parentalidades e suas diversas transformações e também as interações e trocas entre pais e filhos, definindo o processo de transição à parentalidade e o funcionamento das famílias na atualidade.

Muitos são os relatos de pessoas LGBTQIA+, quanto aos abusos psicológicos e físicos submetidas no núcleo parental. Neste contexto, Sarah Schulman (2009) conceitua “homofobia familiar”, apreendida, não como um problema psicológico individual, mas, como uma crise cultural ampla. A autora identifica duas experiências comuns à maioria dos homossexuais: o processo de “assumir-se”, em confronto com as normas sociais heteronormativas, e a inferiorização vivenciada no ambiente familiar devido à homossexualidade. Tais experiências são reiteradas por instituições e representações sociais que reproduzem a marginalização, reforçadas por um jogo de espelhos.

A discussão sobre homossexualidade, preconceito e intolerância familiar pode ser articulada às transformações contemporâneas da parentalidade e das configurações familiares. Conforme a pesquisa de Edith Modesto (2015), o preconceito contra a homossexualidade, mesmo diante de uma suposta aceitação social das diferenças, dificulta o processo de autoaceitação. A revelação da orientação sexual de um filho ainda pode desencadear reações de

rejeição, negação e discriminação no ambiente familiar, quando pautadas aos valores heteronormativos historicamente construídos. Nesse sentido, Modesto (2015) defende que o acesso à informação, ao diálogo e à educação para a diversidade são elementos fundamentais na desconstrução de preconceitos e promoção de relações familiares mais acolhedoras, no respeito aos direitos humanos, na aceitação das diferenças e no fortalecimento dos vínculos afetivos.

Em diálogo com Modesto (2015) temos as contribuições da psicanalista Vera Iaconelli ao quesito da parentalidade, visto que as transformações sociais têm promovido o reconhecimento de novas configurações familiares, como as famílias homoafetivas, monoparentais e recompostas, deslocando a compreensão da parentalidade do modelo centrado na biologia para uma perspectiva fundamentada nas relações de cuidado, afeto e responsabilidade. Nessa abordagem, encontramos na obra *Parentalidade* (2020), escrita por Iaconelli, em coautoria com Daniela Teperman e Thais Garrafa, a importância e a qualidade dos vínculos estabelecidos entre adultos e crianças, como mais relevantes do que a composição familiar em si. Assim, o reconhecimento da diversidade familiar e o combate ao preconceito constituem elementos essenciais para a construção de relações mais inclusivas, favorecendo o exercício da parentalidade de forma ética, acolhedora e comprometida com o desenvolvimento integral dos sujeitos.

O espaço biográfico é marcado por experiências desse tipo, vivências, múltiplas memórias, atravessado por símbolos, avatares, em que várias histórias e sentidos são possíveis na narrativa. Arfuch (2009, p. 114) propõe uma reflexão acerca dos gêneros auto/biográficos na contemporaneidade, em seu trânsito por uma

multiplicidade de formas, entre o público e o privado, entre o espaço/ temporalidade, a partir das interações, das inter-relações, do hibridismo das formas, metonímia, intertextualidade, das tramas das ‘vidas reais’ que são narradas, apropriadas nas esferas da comunicação midiática ou simplesmente narrativa.

Um espaço biográfico aberto à multiplicidade, onde o presente se molda no contexto das genealogias narrativas, na temporalidade da própria vida, bem como da vida dos outros, da vida em geral. Para Arfuch (2005, p. 229), a relevância da sua teoria é

investigar a esfera íntima e numa espécie de plano de detalhe: certos objetos, recantos, imagens, escritos, certos ritos quotidianos, certos caminhos, que inadvertidamente fazem parte da naturalidade com onde vivemos esse espaço -espaço e corpo, corpo no espaço-, mas cujo investimento simbólico os torna, no entanto, inseparáveis da ideia de casa, de identidade, de pertença, ideias que o carácter migrante da cultura contemporânea - do ‘real’ fluxos migratórios para os tecnológicos e o próprio imaginário da globalização - está sujeito a constantes reconfigurações. É essa cena íntima contemporânea, as suas transformações, ambivalências e desafios, que nos propomos vislumbrar.

O desejo de deixar pegadas, marcas do vivido, passagem da vida no mundo, anima o que Arfuch (2023) aborda sobre a tentação biográfica, o que podemos acrescentar aos aspectos das narrativas autobiográficas. Esta confluência de lembranças, revelações de um “eu” que, por muito tempo, “escondeu-se” em diários íntimos, cartas, baús de segredos, entre outros, contemporaneamente são vislumbradas em uma gama de obras literárias no campo do espaço biográfico. Sempre marcado pelo olhar do outro, dizer o “eu” é dizer também o outro; um outro que ordena a narração pela qual se vive, visão expressão da própria vida.

É justamente no espaço biográfico, conforme estilizado nas obras literárias elencadas, que podemos encontrar e articular diversos gêneros, a exposição de um sujeito e a interação entre o público e o privado, em que um sujeito, sua dimensão vivencial e a inconstância da vida podem ser relatados por meio das personagens, como nos casos dos gêneros auto(biográfico) e biográfico.

METODOLOGIA

Os corpora desta pesquisa serão submetidos à análise empreendida a partir das obras literárias *Pai, Pai* (2018) e *Meu irmão eu mesmo* (2023), de João Silvério Trevisan, tendo como eixos temáticos: espaço biográfico, dissidências sexuais e de gênero e parentalidade. Para isso, utilizaremos amplo material bibliográfico.

CRONOGRAMA

Ano: 2025												
AÇÕES/ATIVIDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Ampliação da bibliografia e base teórica				X	X	X	X	X	X	X	X	X
Cumprimento dos créditos do programa	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Participação em eventos						X	X	X	X	X	X	X
Ano: 2026												
AÇÕES/ATIVIDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Esboço do sumário da tese							X	X	X	X	X	X
Escrita do 1º capítulo;	X	X	X	X	X	X						
publicação de artigo em revista <i>qualis</i>	X	X	X	X	X	X						
Escrita do segundo e terceiro capítulos							X	X	X	X	X	X
Ano: 2027												
AÇÕES/ATIVIDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Revisão dos capítulos da tese	X	X										
Análise do <i>corpus</i>			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Publicação em revista <i>quails</i>		X										
Participação em eventos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Ano: 2028												
Escrita da tese	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Revisão da tese e quafificação					X				X			
Revisão pós qualificação									X	X	X	X

Ano: 2029											
Defesa da tese			X								

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. Cronotopías de la intimidad. In: ARFUCH, Leonor. **Pensar este tiempo**. Espacios, afectos, pertenencias. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 239-290.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico na (re)configuração da subjetividade contemporânea. In: GALLE, Helmut et al. (Orgs.). **Em primeira pessoa**: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume, 2009. p. 113-121.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARFUCH, Leonor. **A vida narrada**: memória, subjetividade e política. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2023.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Coleção em Questão - Virtual, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/Pc05/Downloads/LITERATURA%20E%20HOMOEROTISMO%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Pc05/Downloads/LITERATURA%20E%20HOMOEROTISMO%20(3).pdf) . Acesso em: 20 ago. 2024.

CABRAL, Jaqueline Ribeiro. Arquivos da repressão: representações sociais da diversidade sexual e de gênero na ditadura militar. In: **SEMINÁRIO DE SABERES ARQUIVÍSTICOS**, 8., 2017, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: UFPB, 2017.

CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (Orgs.). **Revisões do cânone**: estudos literários e teorias contra-hegemônicas. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 293-316.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MITIDIERI, André Luis; SILVA, Elisabete Costa. (Auto)biografismo e ditadura hétero-militar em Fluxo-floema. **Cadernos de Literatura Comparada Margarida Losa**, v. 2, Porto. Portugal. p. 221- 240, 2019. <https://doi.org/10.21747/21832242/litcomp39a14>. Acesso em: 05 ago, 2025.

MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; LIMA, Marcus Antonio Assis. Das configurações homoeróticas às (re)configurações transviadas. In: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra (Org). **Revisões do cânone**: estudos literários e teorias contra-hegemônicas. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020. p. 293- 316.

MODESTO, Edith. **Homossexualidade**: preconceito e intolerância familiar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

[Digite aqui]

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>. Acesso em: 21 jun. 2025.

TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (org.). **Parentalidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. (Coleção Parentalidade & Psicanálise, v. 1).

TREVISAN, João Silvério. **Pai, Pai**. São Paulo: Alfaguara, 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Meu irmão, eu mesmo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2023.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TREVISAN, João Silvério. Nu-com-a-minha-literatura. [Entrevista cedida a] Renan Quinalha e Amauri Arrais. Site **Folha de São Paulo**, 30 de jul. de 2023. Disponível em: <https://quatrocinco.com.br/entrevistas/livros-e-livres/nu-com-a-minha-literatura/> *Matéria publicada na edição impressa #71 em [julho de 2023](#)*. Acesso em: 20 jan. 2025.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v.42. 2, 2010, p. 453-470.

Palavras- chave: Espaço biográfico. Literatura brasileira contemporânea. Parentalidade dissidente. Dissidências sexuais e de gêneros.

EU SOU A PALAVRA MONSTRUOSA QUE VOS FALA: UMA AUTOHISTÓRIA- TEÓRICA TRANS

Lauren Gomes Oliveira¹

Socióloga, mestra e doutoranda PPGL- UESC e bolsista CNPq

Marcus Antônio Assis Lima²

Orientador

APRESENTAÇÃO

As experiências transvestigêneres têm ocupado, nas últimas duas décadas, um lugar cada vez mais relevante nos debates acadêmicos, políticos e culturais brasileiros. Contudo, apesar dos avanços produzidos pelos estudos de gênero, pelas epistemologias transfeministas e pelas teorias queer, as narrativas produzidas por sujeitos trans ainda enfrentam processos sistemáticos de marginalização, silenciamento e deslegitimação nos espaços de produção do conhecimento. É nesse contexto que a minha pesquisa se insere.

A investigação parte da compreensão de que a escrita de si pode constituir não apenas uma forma de registro autobiográfico, mas também um dispositivo político, discursivo e epistemológico capaz de produzir modos alternativos de conhecimento sobre a realidade social. Estimulada a pensar a partir da proposição de autohistória-teórica desenvolvida por Gloria Anzaldúa, concebida em *Borderlands/La Frontera: La Nueva Mestiza* (2016), a pesquisa toma como ponto de partida minha própria narrativa de vida transclasse, conceito/metodologia de pesquisa que desenvolvi a partir de Ida Lucia Machado e Chantal Jaquet em minha dissertação de mestrado intitulada *Entre resistências e transvivências: a narrativa transclasse como forma de subjetivação* (Gomes-Oliveira, 2025) sob a orientação do Prof. Dr. Anderson Lins, para refletir sobre os processos de subjetivação, resistência e produção de conhecimento de uma travesti putafeminista e intelectual brasileira.

A noção de narrativa transclasse emerge da compreensão de que as trajetórias de vida são atravessadas por múltiplas relações de poder, constituídas por marcadores sociais como gênero, classe, raça, sexualidade e escolarização. A partir dessas questões, interessa-me compreender como experiências historicamente situadas podem ser mobilizadas não apenas como objeto de análise,

¹ lgoliveira.ppgl@uesc.br

² malima@uesb.edu.br

mas também como método de investigação e formulação teórica, incluindo a minha própria experiência transvestigênera nesse processo analítico.

O problema central que orienta esta pesquisa consiste em compreender de que maneira uma autohistória-teórica trans, construída a partir de uma narrativa de vida transclasse, pode contribuir para a produção de conhecimentos situados sobre as experiências transvestigêneras, bem como para a elaboração de estratégias de resistência epistêmica frente às formas contemporâneas de exclusão e silenciamento, assim como para a elaboração de políticas públicas integrais, tanto de saúde quanto socioeconômicas. Parte-se do pressuposto de que a experiência vivida, quando articulada criticamente à reflexão teórica, constitui um campo legítimo de produção de conhecimento capaz de tensionar paradigmas acadêmicos tradicionais e ampliar as possibilidades analíticas dos estudos sobre gênero, subjetivação e linguagem, ao passo em que fornece um instrumental para políticas de Estado.

Ao mobilizar contribuições de autoras e autores como Gloria Anzaldúa, Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado, Djamila Ribeiro, Letícia Nascimento e bell hooks, bem como destaco Amara Moira com sua escrita potente e arguta, esta pesquisa busca construir um diálogo entre experiência, teoria e prática política, reconhecendo a potência das narrativas trans como formas de intervenção intelectual e transformação social. Assim, a autohistória-teoria trans é concebida simultaneamente como metodologia, escrita de si e prática de resistência, possibilitando a emergência de novas formas de pensar a produção do conhecimento a partir das margens, das fronteiras e das experiências dissidentes.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Construir a minha autohistória-teórica trans, inspirada na formulação epistemológica de Gloria Anzaldúa, tomando como ponto de partida minha narrativa de vida transclasse, com vistas à compreensão dos processos de subjetivação, resistência e produção de conhecimento de uma travesti intelectual no contexto brasileiro contemporâneo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Analisar a narrativa de vida transclasse como dispositivo teórico-metodológico para a compreensão das experiências de travestilidade, mobilidade social e inserção acadêmica, bem como a construção de políticas públicas.

2. Investigar as contribuições da autohistória-teórica de Gloria Anzaldúa para a construção de epistemologias dissidentes articuladas à escrita de si e à produção de conhecimento situado.
3. Compreender os processos de subjetivação que atravessam a constituição de uma travesti intelectual, considerando as intersecções entre gênero, classe, raça e trajetória educacional.
4. Examinar a escrita de si como prática de resistência epistêmica e reparação discursiva diante dos históricos processos de silenciamento das pessoas transvestigêneres.
5. Contribuir para o fortalecimento das epistemologias transfeministas, queer e decoloniais, ampliando o reconhecimento das narrativas trans como formas legítimas de produção de conhecimento científico.

APARATO TEÓRICO

O aparato teórico desta pesquisa está ancorado na articulação entre os estudos discursivos, as epistemologias transfeministas, a teoria queer, os estudos sobre subjetivação e a proposição metodológica da autohistoria-teórica formulada por Gloria Anzaldúa (compreendida como uma forma de escrita que articula experiência vivida, memória, reflexão teórica e intervenção política). Trata-se de um esforço investigativo que compreende a produção de conhecimento como prática situada, atravessada pelas relações de poder, pelos marcadores sociais da diferença e pelas experiências concretas dos sujeitos que produzem saberes sobre si e sobre o mundo.

A partir dessa perspectiva, a narrativa de vida deixa de ocupar uma posição meramente testemunhal para constituir-se como espaço legítimo de elaboração conceitual e produção de conhecimento. Tal proposição dialoga diretamente com a construção da narrativa transclasse, conceito desenvolvido em minha dissertação de mestrado citada anteriormente, entendida como uma tecnologia discursiva de subjetivação capaz de evidenciar os atravessamentos de gênero, classe, raça e sexualidade na constituição dos sujeitos.

No campo dos estudos sobre subjetivação, a pesquisa mobiliza as contribuições de Michel Foucault, especialmente no que se refere às formulações acerca dos dispositivos, das relações de poder e das tecnologias de si. Diante dessa explicitação, compreendo que os sujeitos não são entidades naturais ou pré-discursivas, mas efeitos de práticas históricas, políticas e culturais que regulam modos de existência e formas de reconhecimento social. As narrativas de vida são

compreendidas, portanto, como tecnologias de subjetivação que possibilitam a construção de formas de resistência diante dos processos de normalização e exclusão.

Em diálogo com Foucault, a pesquisa incorpora as contribuições de Judith Butler e Paul B. Preciado para pensar gênero e sexualidade como tecnologias sociais e políticas. Butler (2018) compreende o gênero como uma construção performativa, produzida e reiterada por normas sociais, enquanto Preciado (2018) propõe a compreensão dos corpos, dos gêneros e das sexualidades como dispositivos tecnopolíticos produzidos historicamente. Essas formulações permitem problematizar as concepções essencialistas sobre identidade de gênero e compreender as experiências transvestigêneres como processos dinâmicos de construção subjetiva.

O diálogo com a teoria queer também se mostra fundamental para esta investigação. Conforme discutido na dissertação, esse campo de estudos foi constituído a partir das contribuições dos feminismos, dos estudos das sexualidades, das críticas pós-estruturalistas e das experiências políticas de grupos historicamente marginalizados. Nesse aspecto, autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida e Gayle Rubin oferecem importantes ferramentas para compreender os processos de regulação social do gênero e da sexualidade, bem como as possibilidades de resistência produzidas por sujeitos dissidentes, os quais comparecerão na tese ao lado de vozes transvestigêneres.

A pesquisa dialoga ainda com o transfeminismo brasileiro, especialmente por meio das contribuições de Letícia Nascimento. Sua crítica à universalização da categoria mulher e sua defesa da pluralidade das experiências de gênero fornecem elementos importantes para compreender as travestigeneridades como formas legítimas de existência, conhecimento e ação política. A noção de mulheridades e feminilidades proposta pela autora possibilita reconhecer a diversidade das experiências femininas para além dos modelos normativos historicamente instituídos.

Também são mobilizadas as contribuições de Djamila Ribeiro acerca do lugar de fala, entendendo que a localização social dos sujeitos influencia diretamente os processos de produção do conhecimento. Tal perspectiva reforça a importância das narrativas produzidas por travestis e pessoas trans como formas legítimas de interpretação da realidade social e de contestação das hierarquias epistêmicas que historicamente restringiram suas vozes aos espaços da marginalidade.

Por fim, a pesquisa incorpora contribuições de bell hooks, especialmente no que diz respeito

às discussões sobre amor, resistência e transformação social, bem como das epistemologias negras e decoloniais que compreendem a experiência como dimensão constitutiva da produção do conhecimento. A partir desse conjunto teórico, busca-se compreender a autohistória-teórica trans como prática de resistência epistêmica, escrita de si e elaboração de novas possibilidades de existência para sujeitos historicamente produzidos nas margens da inteligibilidade social. A universidade pública brasileira tem desempenhado, historicamente, um papel central na democratização do acesso ao conhecimento e na formação crítica de sujeitos capazes de intervir nas dinâmicas sociais que estruturam a vida coletiva.

Nesse sentido, o presente resumo expandido insere-se no horizonte. Graduada em Ciências Sociais pela UESC, mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da mesma instituição e atualmente doutoranda no referido programa, minha formação acadêmica foi construída na interface entre teoria social, análise do discurso e estudos sobre subjetivação. Tal processo formativo possibilitou o desenvolvimento de uma agenda de investigação voltada para as relações entre linguagem, poder e produção de subjetividades dissidentes, especialmente no que se refere às experiências de travestilidades e transvestigeneridades no contexto brasileiro. Minha trajetória não pode ser dissociada das condições concretas que a tornam possível e, ao mesmo tempo, permanentemente, tensionada. Eu sigo sendo atravessada por violências de gênero profundamente dolorosas, marcas que não se restringem ao corpo, mas se espalham pelas formas como sou vista, nomeada e tratada no mundo.

Eu sou violada, eu sou marginalizada, eu sou vilipendiada, eu sou silenciada dentro e fora dos muros da Universidade Estadual de Santa Cruz — UESC. Nada disso se dá por acaso. Há uma engrenagem social em pleno funcionamento que insiste em empurrar determinadas existências para fora dos espaços de reconhecimento, como se algumas vidas fossem sempre excessivas, inadequadas ou descartáveis. Habitar esse lugar significa aprender que existir pode ser interpretado como afronta. Ainda assim, permanecer, falar e escrever sobre si constitui um gesto de enfrentamento que recusa a lógica da invisibilidade e transforma dor em elaboração crítica. É desse lugar que emerge não apenas uma trajetória, mas uma posição teórica comprometida com a leitura das estruturas que produzem exclusão e com a necessidade de tensioná-las no interior da universidade. A voz monstruosa que vos fala hoje, capaz de dinamitar mundos, decidiu lutar pelo direito de se constituir enquanto sujeita histórica.

A partir dessa reflexão, é sabido que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans (Valente, 2022), inclusive negando o acesso à saúde integral da população LGBTQIAPN+, desse modo, é possível dizer que, para além da falta amplificada de acesso à saúde integral da referida maioria minorizada, percebo as ausências dos nossos corpos nas academias e nos espaços formais de exercício de poder.

Paul B Preciado, filósofo espanhol transgênero, em sua palestra magna para integrantes da Escola da Causa Freudiana de Paris em 2019, especificamente, para um público de mais de 3.500 psicanalistas, utiliza a metáfora da posição-sujeito de monstro ao mobilizar conceitos de Franz Kafka, tendo como foco o Macaco Pedro Vermelho que ao ser capturado e adquirido comportamentos humanos, distingue-se dos seus iguais (Preciado, 2022).

Ao se firmar como figura monstruosa, Preciado se levanta do divã para, criticamente, gerar fraturar no sistema tecnopatriarcal de matriz capitalista e neoliberal. Entendo que, sumariamente, considerando o tempo da minha exposição sumarizada do que venho pesquisando, é necessário compreender a formulação teórica da noção de dispositivo vinda de Michel Foucault, muito bem explicada pelo teórico Giorgio Agambi, para se entender as tecnologias de subjetivação no ou através do gênero. Queridas (os), não é a sororidade ou a bichoridade que nos une: é a dor. É a doridade (formulação da intelectual negra professora brasileira universitária Vilma Piedade). E precisamos pensar nas opressões que nos atravessam a partir de um recorte analítico interseccional, enquanto metodologia transversal e horizontal, focando nas políticas da diferença, e nas desigualdades constituídas pelos que se sentem donos do mundo, desigualdades que nos atravessam e constituem enquanto seres sociais que sofrem.

METODOLOGIA

De acordo com Ida Lucia Machado (2022a, p. 45),

[...] vão de uma classe para outra (daí o termo inglês pass-classing). [...] Na maior parte das vezes, é preciso que o sujeito transclasse tenha uma certa audácia para efetuar uma transição entre um modo de vida e outro e consiga escapar [...] de determinações morais ou dogmas impostos pelo núcleo familiar, pela religião e pela sociedade. Independentemente de seus pais, tal sujeito será autor de sua mudança identitária, condizente com uma nova vida ou com um novo equilíbrio de vida (Machado, 2020c, 104).

Ainda, segundo Machado (2022a, pps. 47-48),

[...] o neologismo que deu lugar ao conceito nos foi inspirado pela filósofa Chantal Jaquet (2014/2015). Ela assim nomeia os indivíduos que operam a passagem de uma classe para outra, na qual terão uma ascensão social ou pelo menos encontrarão uma maior concordância com a essência profunda de seu ser. Jaquet quis, sobretudo, mostrar que há exceções às ideias apresentadas por Bourdieu e Passeron (1964), segundo as quais (dito de modo sumário) os papéis sociais já são previamente distribuídos, ou seja: o filho de um médico ou de um intelectual bem posicionado na sociedade terá maiores chances de triunfar na vida social (melhores colégios, *habitus* refinados que receberá dos familiares) que o filho de um pequeno agricultor, que, por falta de meios e para atender as necessidades da família, acabará por seguir a profissão do pai. Apesar de ter adotado as ideias de Chantal Jaquet, Ida Lucia Machado (202

Explico que a narrativa de vida transclasse pode ser conceituada como a história pessoal narrada pela própria sujeita transclasse ou escrita por ela mesma sobre si mesma. Nesse sentido, ela transfigura-se em um relato pessoal que registra as respectivas experiências socioculturais, afetivas, vivências profissionais, familiares, culturais, políticas e ideológicas, ou seja, experimentações diversas e processos de interpelação múltiplos, os quais formatam e produzem a sua identificação na linguagem incrustada na historicidade e, ao mesmo tempo, engendram os sentidos que formulam o imaginário que constitui a sua vida. A narrativa de vida desses sujeitos fornece elementos analíticos que coabitam com experiências diversas do processo de socialização, de tal forma que ela nos apresenta recortes discursivos (históricos e ideológicos) e sociais dessas experiências a partir do narrar-de-si, mesmo utilizando de estratégias discursivas: vai da ficção para o factual. É um dispositivo discursivo que nos possibilita compreender os modos de produção, as maneiras e formas pelas quais as/os sujeitas/os transclasses se visualizam material e discursivamente, ao passo em que estabelece uma interligação entre outras. As narrativas-de-si/escrituras-de-si. Em outras palavras, é como as sujeitas experimentam correlações com o mundo à sua volta, com outras narrativas de vida que lhes atravessem, constituindo, desse modo, atravessamentos e ligações de escritas de si.

[...] como era de se esperar, ao nos lançarmos na observação e estudos de narrativas de vida, notamos que, muitas vezes, elas se aproximam ou fazem uso de astúcias literárias cujo objetivo é o de melhor persuadir o leitor/a da veracidade do que está sendo contado. Se narrativas reais, de pessoas reais possuem essa característica, o contrário também se

opera: relatos ficcionais, ao dar vida e palavra a personagens que encarnam seres humanos, constituem também documentos que mostram a vida de determinados grupos (Machado, 2022a, p. 45).

Mediante as considerações anteriores, acrescento que na releitura que faço da proposição conceitual formulada pela Ida, o conceito transclasse constitui-se enquanto abordagem discursiva que nos ajuda a compreender como as sujeitas transvestigêneres se personificam como materialidades significantes em correlação com os atravessamentos sociais e políticos. Isso implica afirmar que as sujeitas transgêneras são interpeladas em discursividades dissidentes interseccionais – as quais se relacionam com o meio social a partir de múltiplos dispositivos tecnológicos de assujeitamento e experimentam diversos atravessamentos ideológicos que permeiam a nossa malha relacional intitulada sociedade, assim como são atravessadas pelos fatores de classe social, de raça, de etnia, de sexualidade, de gênero e de geração que constituem os aparelhos ideológicos do Estado.

A narrativa de vida transclasse também pode ser tida enquanto um dispositivo discursivo interseccional que considera como distintos tecnodispositivos ideológicos e discursivos que (des)constroem e instrumentalizam a constituição das formas de identificação e desidentificação - se atravessam pelo fio da navalha discursiva de travestis (nesta minha reformulação/releitura do “conceito-entorse” proposto pela linguista Ida Lucia Machado a partir da sua leitura do conceito transclasse da filósofa Chantal Jaquet), ao passo que significam as possibilidades de constituições outras dos processos de identificação de gênero-classe-raça-sexualidade. Desse modo, posso inferir que uma sujeita tranvestigênera periférica, racializada e sem escolaridade será assujeitada à marginalização e às opressões através de uma conjugação de tecnodispositivos opressores (discriminação racial, de gênero, de classe, de geração) que operam interseccionalmente. Nesta perspectiva, concebo a discursivização transclasse como dispositivo de resistência e de subjetivação que congrega em si diferentes posições-sujeito – os quais operam a partir de influências e experiências socioculturais, tornando, assim, viável a análise discursiva das transvivências em disputa e em processo de subjetivação. É um conceito que abriga as mobilidades que formulam a nós, sujeitas sociais, diariamente.

Concordo com a doutora Ida Lucia Machado ao lado da filósofa Chantal Jaquet quando a pesquisadora afirma que os transclasses podem cruzar as linhas da reprodução social. É o que acontece com muitas sujeitas dissidentes, focarei aqui somente nas travestis - principalmente, na

narrativa de vida de Amara Moira como uma narrativa transclasse, embora saiba que existam outras discursividades/existências que também tenham mobilidade social, que quebram as linhas da reprodução de determinações morais e papéis sociais.

DISCUSSÃO

Ao perscrutar pela minha autohistória teórica trans, faço um giro para pensar o renascer trans nas políticas públicas, exigindo, desse modo, deslocar o olhar das lógicas meramente administrativas para uma compreensão ética, histórica e política da existência. Não se trata apenas de garantir acesso a direitos formalmente previstos, mas de reconhecer que pessoas trans foram durante séculos, produzidas como sujeitos da margem, da exceção e da descartabilidade social. Nesse sentido, as políticas públicas assumem uma função que ultrapassa a gestão estatal: tornam-se instrumentos de reparação histórica, reconhecimento e produção de cidadania.

O renascer dos corpos trans ocorre quando o Estado deixa de atuar como dispositivo de silenciamento e passa a constituir condições materiais para que essas vidas floresçam em sua plenitude. Trata-se de um processo de reinscrição dos sujeitos trans no espaço público, rompendo com regimes de invisibilidade que historicamente os relegaram à precariedade, à violência e à negação da humanidade. Sob essa perspectiva, as políticas públicas não podem ser compreendidas apenas como respostas técnicas a demandas sociais, mas como arenas de disputa simbólica nas quais se decide quem merece viver, quem pode sonhar e quem tem legitimidade para ocupar os espaços da cidade, da escola, da universidade, do trabalho e da política.

O renascimento trans, portanto, não é uma metáfora individual de superação, mas um fenômeno coletivo de reconstrução ontológica e social, no qual corpos antes marcados pela abjeção reivindicam o direito de existir sem pedir licença. É nesse movimento que as políticas públicas revelam sua potência transformadora: ao reconhecerem a dignidade das vidas trans, contribuem para a emergência de novos horizontes democráticos, nos quais a diferença deixa de ser administrada como problema e passa a ser acolhida como condição constitutiva da própria experiência humana. Fundamento-me, também, na compreensão de que a universidade pública desempenha papel estratégico na construção de uma sociedade democrática, plural e socialmente justa. Ao articular ensino, pesquisa e extensão, a universidade torna-se espaço privilegiado de produção de conhecimento, formação crítica e intervenção social. As propostas apresentadas,

também, buscam contribuir para o fortalecimento das atividades acadêmicas, valorizando a produção científica trans, o compromisso social da universidade com a minha comunidade e o diálogo permanente com os desafios educacionais contemporâneos no que diz respeito a nós, tendo como foco a inclusão das intelectualidades transvestigêneres em suas bases ontológicas.

Palavras-chave: autohistória-teórica trans; transfeminismo; subjetivação e narrativa transclasse.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera. La nueva mestiza*. Madrid: Captán Swing, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MACHADO, Ida Lucia. O romance como materialidade discursiva. *Gláuks - Revista de Letras e Artes*, 2022a, 22 (01), p. 44–64.

MACHADO, Ida Lucia. Uma transclasse: Chanel. *Periódicos UNB*, 2022b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/download/42165/35072>. Acesso em: 15 de junho de 2026.

MACHADO, Ida Lucia. *Narrativas de Vida: Saga familiar & sujeitos transclasses*. Coimbra: Glácio Editor, 2020c.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. *Transfeminismo*. (Coordenação de Djamila Ribeiro, *Feminismos Plurais*). São Paulo: Jandaíra, 2021; p. 10 -78.

PRECIADO, Paul B. “Tecnogênero”. In: PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopronográfica*. São Paulo: n-1, 2018a, p. 109-140

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Carla Rodrigues (tradução): Zarah, 2022.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção: *Feminismos Plurais*)

VALENTE, Jonas. Brasil é país em que mais pessoas trans são assassinadas. In: *Vermelho: Geral*. SCLRN 705 – Bloco E – Loja 08 – Parte UH Asa Norte – Brasília/DF CEP 70.730.555, 22 de junho de 2026. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2022/01/29/brasil-e-pais-em-que-mais-pessoas-trans-sao-assassinadas/>. Acesso em: 15 de junho de 2026.

LITERATURA E GÊNERO: (DES)CONSTRUINDO REPRESENTAÇÕES NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Vanessa Gomes de Aquino¹

André Luis Mitidieri Pereira²

APRESENTAÇÃO

A relação entre linguagem e gênero constitui um eixo analítico central para compreender os modos pelos quais identidades, diferenças e relações de poder são produzidas, reiteradas e disputadas nas práticas sociais e escolares. A literatura infantil ocupa lugar estratégico nesse processo, uma vez que representa um dos primeiros contatos sistemáticos das crianças com narrativas, imagens, personagens e valores que participam da constituição de visões de mundo, da regulação dos corpos e da aprendizagem de papéis sociais. Nessa direção, os textos literários não devem ser compreendidos apenas como artefatos estéticos, mas também como materialidades discursivas atravessadas por disputas simbólicas sobre masculinidades, feminilidades e outras formas de existência.

O presente projeto tem como tema a articulação entre literatura infantil, linguagem, gênero e práticas pedagógicas no contexto escolar, tomando como recorte os momentos de “leitura para deleite” desenvolvidos no 1º e 2º anos de uma escola no município de Ilhéus, Bahia. Neste sentido, busca-se investigar de que modo as práticas discursivas presentes nos textos literários selecionados para os momentos de leitura para deleite, bem como as formas de mediação pedagógica realizadas pelas docentes, influenciam a construção das identidades de gênero das crianças no espaço escolar?

Parte-se do pressuposto de que a escola não é um espaço neutro, mas um território de produção, circulação e legitimação de discursos, no qual normas de gênero podem ser reiteradas ou tensionadas. Assume-se, ainda, que a literatura infantil e sua mediação

¹ Discente do Curso de Pós graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz.

² Docente do Curso de Pós -graduação em Letras: Linguagens e Representação da Universidade Estadual de Santa Cruz.

pedagógica podem tanto reforçar estereótipos historicamente sedimentados quanto abrir brechas para a problematização de padrões normativos e para a valorização das diferenças. Nesse sentido, o estudo insere-se no debate contemporâneo sobre gênero e educação e dialoga com princípios constitucionais que asseguram a educação como direito de todos, a igualdade, o pluralismo de ideias e a promoção do bem sem preconceitos, bem como com o Objetivo para o Desenvolvimento Sustentável - ODS nº 5 (cinco), voltado à igualdade de gênero.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Analisar como as práticas discursivas presentes nos textos literários e nas interações pedagógicas realizadas nos momentos de leitura para deleite influenciam a construção das identidades de gênero de crianças do 1º e do 2º anos iniciais de uma escola no município de Ilhéus- Bahia.

Objetivos específicos:

Levantar e catalogar os materiais literários utilizados nos momentos de leitura para deleite;

observar e registrar as práticas de leitura e as interações entre professoras, professores e educandos, com atenção às marcas discursivas relacionadas a gênero;

compreender as percepções das educadoras e educadores sobre a relação entre literatura infantil, mediação de leitura e construção de identidades;

identificar, à luz da análise de conteúdo, as obras selecionadas e as práticas observadas, identificando recorrências, deslocamentos e tensões nas representações de masculinidades e feminilidades;

propor encaminhamentos formativos e pedagógicos, em diálogo com a rede municipal, que contribuam para práticas de leitura comprometidas com a equidade e com o respeito à diversidade pelo PCR (Planejamento Coletivo em Rede).

JUSTIFICATIVA

A relevância da presente pesquisa pode ser inferida, em primeiro lugar, no plano teórico, ao articular estudos de linguagem, literatura, gênero e educação a partir de uma

perspectiva pós-estruturalista. Embora já existam investigações sobre representações de gênero na literatura infantil, ainda se mostram necessárias análises que aproximem, de forma mais consistente, o texto literário, os gestos de mediação docente e os efeitos dessas práticas na constituição das subjetividades infantis em contextos concretos da escola pública. Além disso, no plano social e educacional, o presente estudo se justifica pela urgência de discutir os modos como crianças entram em contato, no cotidiano escolar, com representações que podem naturalizar desigualdades ou, em contrapartida, favorecer experiências de reconhecimento e inclusão.

Ao focalizar a leitura para deleite, a pesquisa examina uma prática que, embora frequentemente associada apenas ao prazer estético e ao incentivo à leitura, também participa da formação ética, simbólica e social dos sujeitos.

É importante destacar que a investigação encontra respaldo na Constituição Federal de 1988, a qual estabelece a educação como direito social, defende a igualdade de condições, o pluralismo de ideias e a promoção do bem de todos sem preconceitos, e dialoga com as metas do ODS 5, que associam igualdade de gênero ao enfrentamento das discriminações em suas múltiplas intersecções. Dessa forma, o estudo poderá contribuir tanto para o avanço do debate acadêmico quanto para a elaboração de práticas pedagógicas mais críticas e sensíveis à diversidade no contexto da educação básica.

APARATO TEÓRICO

A investigação é fundamentada nos estudos contemporâneos de gênero, compreendendo a identidade não como essência fixa, mas como efeito de práticas discursivas, sociais e institucionais. Nesse horizonte, Judith Butler (2017) sustenta que o gênero é produzido performativamente por meio da repetição de normas que regulam os corpos e os modos de aparecer no mundo, o que permite compreender as identidades de gênero como construções históricas e contingentes. Guacira Lopes Louro (2003), por sua vez, possibilita pensar a escola como espaço privilegiado de pedagogização dos corpos, das sexualidades e das diferenças, evidenciando como as instituições educativas participam ativamente da produção de sujeitos generificados.

Conforme argumenta André Luis Mitidieri Pereira (2020), as dinâmicas homogeneizantes — isto é, os mecanismos sociais, culturais e institucionais que

naturalizam e reproduzem identidades, papéis e narrativas padronizadas — começam a ser rompidas quando emergem artistas, autores, personagens, perspectivas e temáticas que realizam um assinalamento contra-hegemônico em termos de gênero e sexualidade. Esse “desvelamento” não consiste apenas em uma substituição superficial de vozes, mas em uma transformação da paisagem simbólica que articula quem pode falar, como falar e quais modos de vida são reconhecidos como legítimos.

A discussão é ampliada com Paul Preciado (2018), cujas reflexões sobre tecnologias de gênero, regimes de normalização e experiências dissidentes tensionam a naturalização das identidades e contribuem para pensar a infância, a leitura e a escola como espaços de disputa entre normatividade e subversão. No campo da linguagem, Patrick Charaudeau (2017) oferece instrumentos para compreender o funcionamento dos imaginários sociais e dos estereótipos, o que se mostra particularmente produtivo para analisar como personagens, enredos e formas de mediação reiteram ou deslocam expectativas sobre o feminino e o masculino.

No que se refere à literatura infantil e à formação de leitores, dialoga-se com Marisa Philbert Lajolo (2001) e Isabel Solé (1998), sobretudo no entendimento de que a leitura é prática cultural e pedagógica atravessada por mediações, valores e finalidades formativas. Também se mobilizam contribuições de Lúcia Osana Zolin (2013) sobre representações de gênero na literatura infantil, especialmente no que diz respeito à permanência de papéis tradicionais e à possibilidade de construção de narrativas mais emancipatórias.

Um dos elementos centrais que se introduz no referencial teórico é a interseccionalidade, assim entendida como ferramenta analítica para compreender como múltiplos marcadores sociais (gênero, raça, classe, território, sexualidade) operam de forma combinada na produção de desigualdades e de subjetividades. Essa perspectiva é fundamental para o presente projeto, pois as crianças do 1º e do 2º anos iniciais da escola pública de Ilhéus, na Bahia, estão atravessadas não apenas por normas de gênero, mas também por marcadores raciais e socioeconômicos que modificam radicalmente os modos de experimentação e de representação.

Kimberlé Williams Crenshaw (2020) autora que introduziu o conceito de interseccionalidade nos anos 1980, propõe que as identidades e as formas de discriminação não podem ser compreendidas de maneira isolada, pois operam de forma sobreposta e interdependente. Em sua perspectiva, a interseccionalidade permite visualizar como mulheres negras, por exemplo, enfrentam formas de discriminação que não são apenas a soma de racismo e sexismo, mas que resultam de uma experiência específica e qualitativamente distinta. Para o projeto, isso significa que as representações de gênero na literatura infantil não podem ser analisadas sem considerar como raça e classe também circulam nas narrativas, nas escolhas de personagens e nas mediações pedagógicas.

Neste sentido, o projeto assume que a construção das identidades de gênero na infância escolar não pode ser compreendida sem considerar a interseccionalidade como princípio analítico e político. Isso significa que as representações de masculinidade e feminilidade na literatura infantil devem ser lidas em conjunto com as representações de raça, classe e território, e que as práticas de mediação docente também devem ser analisadas conforme os modos como elas operam com essas múltiplas dimensões.

Em diálogo com esse repertório, a revisão de literatura será ampliada com estudos contemporâneos sobre literatura infantil, mediação de leitura, diferenças feminismos, teoria *queer*, interseccionalidade e infâncias não normativas, buscando atualizar o debate e situar o projeto no cenário recente da produção acadêmica brasileira e internacional.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, por entender que as práticas de leitura, os discursos escolares e os processos de significação em torno do gênero exigem análise interpretativa, contextualizada e atenta às relações entre linguagem, sujeitos e instituições. Como procedimento analítico central, será utilizada a análise de conteúdo, conforme Laurence Bardin (2016), articulada à leitura discursiva das obras e das interações observadas em campo. Será realizada a investigação com as turmas do 1º e do 2º anos de uma escola municipal de Ilhéus, com foco nas práticas desenvolvidas no chamado “momento para gostar de ler” (ou “Leitura para Deleite”). Os participantes serão as

professoras e professores que atuam nessas turmas, bem como os educandos e seguiram os seguintes procedimentos metodológicos:

1ª etapa: Levantamento e catalogação dos materiais literários utilizados.

2ª etapa: Observação das práticas de leitura e registro em diário de campo.

3ª etapa: Realização de entrevistas semiestruturadas com as educadoras e educadores.

4ª etapa: Análise das obras e das interações pedagógicas, com vistas à identificação de representações, recorrências e deslocamentos relacionados às identidades de gênero.

5ª etapa: Realização de ação formativa com as docentes, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, de modo a articular pesquisa e devolutiva social, favorecendo a reflexão crítica sobre literatura, representações e gênero.

DISCUSSÃO

Em termos de encaminhamento analítico, parte-se da hipótese de que a literatura infantil, enquanto prática discursiva e artefato cultural, pode operar de forma ambivalente: tanto reforçando estereótipos de gênero quanto oferecendo possibilidades de deslocamento das normas. Obras marcadas por personagens femininas passivas, delicadas ou destinadas ao cuidado, bem como personagens masculinas associadas à coragem, liderança ou aventura, tendem a reiterar imaginários tradicionais. Entretanto, esse efeito não decorre apenas do texto em si, mas também da forma como ele é apresentado, comentado, selecionado e problematizado no espaço escolar.

Espera-se que a análise revele como a mediação docente participa diretamente na produção de sentidos sobre gênero, seja ao naturalizar convenções, seja ao abrir espaço para leituras críticas, perguntas desestabilizadoras e reconhecimento de experiências plurais. Nessa perspectiva, a escola pode ser compreendida como espaço de disputa simbólica, no qual se confrontam narrativas normativas e possibilidades de resistência, ressignificação e ampliação dos repertórios identitários das crianças.

A interseccionalidade, introduzida por Crenshaw (2020) pode ser incorporada como princípio analítico, de modo que as representações de gênero serão lidas em conjunto com as representações de raça, classe e território. Isso significa que o estudo não se limitará a identificar padrões de masculinidade e feminilidade, mas também investigará como esses padrões se articulam com marcadores de raça e classe, e como as crianças negras experimentam e ressignificam essas narrativas.

Como resultados esperados, a pesquisa pretende identificar padrões de representação de masculinidades e feminilidades nos materiais utilizados, considerando também marcadores de raça, classe e território, bem como, compreender os modos pelos quais tais representações são atualizadas nas interações pedagógicas. Além disso, propor subsídios teórico-metodológicos para práticas de leitura mais inclusivas e interseccionais para contribuir com o fortalecimento de uma pedagogia da leitura comprometida com a equidade, com o enfrentamento de discriminações múltiplas e com a promoção de uma educação democrática, em consonância com os princípios constitucionais da igualdade, do pluralismo e da não discriminação.

Palavras-chave: Literatura infantil; Linguagem; Estudos de gênero e sexualidades; Interseccionalidades; Representações;

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Documentando o feminismo: uma reflexão sobre a intersecção de raça e gênero. In: **Feminismo negro: uma coletânea de textos fundamentais**. São Paulo: N-1, 2020. p. 149-174.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Ática, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana Vilodre.; NECKEL, Jane Felipe (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MITIDIERI, André Luis. **Literatura brasileira e (re)configurações transviadas**. Brasil, Rio Grande do Sul, v. 33, n. 61, p. 76-94, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da transição. São Paulo: n-1, 2020.

PRECIADO, Paul. **Testo junkie - sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1, 2018.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. Campinas: Papirus, 2017.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THÜRLER, Djalma; MEDRADO, Benedito. Masculinidades contemporâneas em disputa. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 13, p. 1-8, 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. Representações de gênero na literatura infantil: da educação para submissão à educação para liberdade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 745-760, 2013.

DAS RODAS ÀS PÁGINAS: O BALANCÊ DA LITERAGINGA NA LITERATURA DE AUTORIA NEGRA BRASILEIRA

Katiane Martins de Oliveira¹
Alex Santana França (Orientador)²

RESUMO:

Este trabalho propõe a Literaginga como uma abordagem crítica voltada à análise da literatura contemporânea de autoria negra brasileira. Partindo da compreensão da capoeira como epistemologia, a pesquisa busca ampliar os instrumentos interpretativos tradicionais, incorporando categorias como movimento, oralidade, ancestralidade, corpo, ritmo e improvisação. Fundamentada em autores como Cuti, Eduardo de Assis Duarte, Paul Zumthor, Leda Maria Martins, Muniz Sodré, Achille Mbembe e Luiz Rufino, a proposta problematiza os limites das epistemologias ocidentais e reivindica outras formas de produção do conhecimento. A partir das obras *Obliqua Glosa*, de Maria Dolores Rodriguez, *Mata Doce*, de Luciany Aparecida, e *Calila das Mercês*, evidencia-se que essas narrativas articulam memória, performance e corporeidade, exigindo modos de leitura capazes de reconhecer suas dimensões ancestrais e afrodiaspóricas. Assim, a Literaginga se apresenta como um dispositivo teórico-metodológico que transforma a leitura em prática de reexistência, contribuindo para o fortalecimento dos estudos sobre a literatura negro-brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Literaginga; literatura negro-brasileira; oralidade; ancestralidade; epistemologias negras.

ABRINDO A RODA:

A ginga é o jeito que o corpo dá

A literatura de autoria negra brasileira tem produzido um conjunto de narrativas que desafiam categorias consolidadas pela crítica literária tradicional na contemporaneidade. Marcadas pela presença da oralidade, da memória, da ancestralidade e das experiências afrodiaspóricas, essas produções inscrevem na linguagem formas de existência e modos de

¹ kmoliveira.ppgl@uesc.br Bolsista Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil., doutoranda em Literaturas e interfaces, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Mestra em letras, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). katiane.martins@gmail.com.

² asfranca@uesc.br Professor Assistente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), pesquisador e escritor.

elaboração estética que nem sempre são plenamente apreendidos pelos instrumentos críticos forjados a partir da racionalidade moderna ocidental. Se, por um lado, os estudos literários brasileiros vêm ampliando o espaço dedicado às literaturas negras, por outro, permanece a necessidade de desenvolver dispositivos interpretativos capazes de compreender as especificidades dessas textualidades sem submetê-las a modelos teóricos que, historicamente, estiveram associados à separação entre corpo e pensamento, oralidade e escrita, razão e experiência.

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, cuja proposta consiste em construir a literaginga enquanto abordagem crítica voltada para a análise da literatura de autoria negra brasileira. O conceito, desenvolvido ao longo de pesquisas anteriores, graduação e mestrado, nasce da articulação entre literatura e ginga, tomando como referência a capoeira como uma epistemologia capaz de produzir modos próprios de pensar, narrar e interpretar o mundo. Mais do que uma metáfora, a ginga é aqui compreendida como princípio organizador de uma racionalidade assentada no movimento, na improvisação, na circularidade, na mandinga e na relação entre corpo, memória e ancestralidade.

Desse modo, o problema central que orienta esta pesquisa consiste em compreender de que maneira a literaginga pode operar como um dispositivo crítico capaz de ampliar as possibilidades interpretativas da literatura negro-brasileira, tendo como foco a contemporaneidade. Em outras palavras, busca-se investigar se a incorporação de categorias oriundas da experiência da capoeiragem pode oferecer instrumentos teórico-metodológicos capazes de evidenciar dimensões performáticas, rítmicas e ancestrais frequentemente invisibilizadas pelas epistemologias tradicionais.

OBJETIVOS:

Objetivo geral

Investigar e aplicar a eficácia do dispositivo literaginga como abordagem analítica aplicada à literatura contemporânea de autoria negra brasileira, buscando aperfeiçoar suas categorias teórico-metodológicas e consolidá-la como uma interface crítica voltada para os estudos literários.

Objetivos específicos

- analisar obras contemporâneas de autoria negra brasileira a partir da perspectiva da literaginga;
- problematizar os limites das epistemologias tradicionais na interpretação das textualidades negras contemporâneas;

- aprofundar as categorias analíticas já desenvolvidas pela literaringa, considerando os resultados obtidos nas análises;

JUSTIFICATIVAS:

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar os horizontes epistemológicos da crítica literária contemporânea, especialmente no que se refere à interpretação das produções de autoria negra brasileira. Embora os estudos sobre literatura negro-brasileira tenham alcançado importantes avanços nas últimas décadas, muitos dos instrumentos analíticos ainda se encontram ancorados em categorias produzidas por uma tradição crítica que historicamente privilegiou a escrita em detrimento da oralidade, a razão em detrimento do corpo e a linearidade temporal em detrimento das temporalidades espiralares presentes nas experiências afrodiaspóricas.

Além de sua relevância teórica, o estudo possui importância metodológica, uma vez que pretende consolidar uma proposta analítica desenvolvida ao longo de pesquisas anteriores. A literaringa não se constitui apenas como uma categoria conceitual, mas como um exercício de elaboração epistemológica que busca aproximar os estudos literários dos saberes produzidos nas rodas de capoeira, por exemplo, reconhecendo essas experiências como espaços legítimos de pensamento. Sob esse aspecto, a pesquisa insere-se em um movimento mais amplo de valorização das epistemologias negras e das perspectivas decoloniais, dialogando com debates contemporâneos sobre memória, identidade, performance e reexistência. Ao compreender a literatura como uma prática de movimento, a literaringa propõe uma crítica que ao invés de buscar a fixidez dos significados, se demora na percepção dos jogos, dos ritmos e das mandingas que atravessam a palavra escrita.

NO PÉ DO BERIMBAU: A GINGA DOS FUNDAMENTOS E AS VOLTAS DADAS PELA LITERATURA:

As discussões em torno da literatura negro-brasileira encontram em Cuti (2010) um importante ponto de partida. Ao afirmar a existência de uma literatura negro-brasileira, o autor desloca o debate da mera representação temática para uma compreensão das produções negras enquanto espaços de elaboração estética e política. Mais do que tratar de personagens negros ou de experiências ligadas ao racismo, a literatura negro-brasileira constitui-se como um território de disputa simbólica, no qual a linguagem se converte em instrumento de afirmação identitária e reinvenção de imaginários.

Em perspectiva semelhante, Eduardo de Assis Duarte (2010) propõe compreender a literatura afro-brasileira a partir de elementos que envolvem autoria, temática, ponto de vista,

linguagem e público. Para o autor, a especificidade dessas produções não reside apenas em seu conteúdo, mas na construção de um olhar que reposiciona sujeitos historicamente silenciados. A literatura passa, então, a constituir-se como um espaço de elaboração de memórias e de produção de outras narrativas acerca da experiência negra no Brasil.

Entretanto, pensar a literatura negro-brasileira exige também deslocar as noções tradicionais de textualidade. Nesse sentido, as reflexões de Paul Zumthor (2007) sobre oralidade e performance oferecem contribuições fundamentais. Ao compreender a performance como acontecimento e presença, Zumthor rompe com a concepção da palavra escrita como única instância legítima da produção de sentido. Para o autor, a voz, o corpo e a experiência participam da constituição do texto, fazendo com que a leitura não seja apenas um ato de decodificação, mas um encontro entre temporalidades e corporalidades.

Tal perspectiva aproxima-se das formulações de Graciela Ravetti (2002), para quem a escrita performática rompe as fronteiras entre literatura e experiência. Segundo a autora, determinadas textualidades produzem efeitos que extrapolam o plano puramente verbal, instaurando formas de inscrição nas quais memória, corpo e linguagem se tornam indissociáveis. Essa compreensão permite pensar a literatura negro-brasileira para além da dimensão representacional, reconhecendo nela movimentos de elaboração estética atravessados por gestos, ritmos e modos de existência.

A centralidade do corpo na produção do conhecimento encontra em Leda Maria Martins (2021) uma das formulações mais significativas. Ao desenvolver o conceito de tempo espiralar, a autora rompe com a lógica linear da temporalidade ocidental e evidencia a permanência dinâmica das memórias ancestrais nas práticas culturais afrodiaspóricas. Para Leda Maria Martins, o corpo é arquivo e repertório; nele se inscrevem histórias, afetos e saberes transmitidos por meio da oralidade, do gesto e da performance (MARTINS, 2003). Essa compreensão torna-se fundamental para a literaginga, uma vez que possibilita compreender a escrita não como registro fixo, mas como manifestação de temporalidades que se cruzam e se atualizam continuamente.

As contribuições de Muniz Sodré (2017) ampliam essa discussão ao pensar a cultura negra como produtora de outras formas de racionalidade. Em suas reflexões, a experiência afro-brasileira apresenta-se como uma cosmopercepção em que o conhecimento não se encontra dissociado da corporeidade e da experiência comunitária. Tal perspectiva permite compreender que as categorias produzidas pela modernidade europeia não possuem caráter universal, constituindo-se, antes, como uma entre várias possibilidades de elaboração do mundo.

Nessa direção, Achille Mbembe (2018) chama atenção para a necessidade de imaginar

outras formas de humanidade e outros modos de produção do conhecimento capazes de superar os legados da colonialidade. Suas formulações apontam para a urgência de construir epistemologias abertas às experiências historicamente marginalizadas, reconhecendo a pluralidade das formas de existir e de pensar. A crítica às universalidades abstratas produzidas pela modernidade torna-se, assim, um elemento central para o desenvolvimento de perspectivas decoloniais.

Em *Pedagogia das Encruzilhadas*, Luiz Rufino (2019) propõe compreender as experiências afro-brasileiras a partir da lógica das encruzilhadas, recusando visões lineares e dicotômicas do conhecimento. Inspirado em Exu, Rufino defende uma pedagogia fundada na multiplicidade, na improvisação e na capacidade de reinvenção. A encruzilhada deixa de ser entendida como lugar de indecisão e passa a constituir-se como espaço privilegiado para a produção de saberes. Essa compreensão aproxima-se diretamente da literaginga, uma vez que ambas reconhecem o movimento como fundamento epistemológico.

Assim, a literaginga propõe uma leitura capaz de perceber a escrita como movimento. O texto deixa de ser concebido como objeto imóvel e passa a ser compreendido como roda. Ler transforma-se em entrar no jogo, perceber os ritmos da narrativa, reconhecer as pausas, as esquivas, os silêncios e as mandingas que atravessam a palavra escrita. Se a crítica literária moderna buscou a estabilidade dos significados, a literaginga reivindica o balancê. Afinal, assim como na capoeira, permanecer imóvel pode significar perder a capacidade de responder às imprevisibilidades do jogo. A literaginga constitui uma proposta epistemológica que reivindica outras formas de habitar a crítica literária.

NA RODA DA PALAVRA: AS MANDIGAS DA NARRATIVAS

As provocações apresentadas até aqui conduzem a uma hipótese central: a literatura contemporânea de autoria negra brasileira produz formas de existência e de elaboração estética que demandam outras racionalidades interpretativas. Se a crítica literária tradicional foi edificada sob a centralidade da razão abstrata e da estabilidade conceitual, as textualidades negras parecem operar segundo uma lógica mais próxima da encruzilhada, da improvisação e da circularidade. É justamente nesse ponto que a literaginga se apresenta como uma possibilidade de deslocamento epistemológico.

Em *Oblíqua Glosa* de Maria Dolores Rodriguez, a configuração semântica de oralidade emerge de uma poética em que a voz ancestral se faz presença constante, acionando memórias que não se separam da sonoridade da vida comunitária. Quando escreve que: “as mulheres negras não lidamos bem com alguns verbos” (RODRIGUEZ, 2023, p. 17), a autora nos convoca

à escuta como condição do existir coletivo. Aqui, a palavra não é apenas suporte da linguagem: ela é acontecimento corporal, eco do que Muniz Sodré define como “é pela voz que o corpo se inscreve no mundo” (SODRÉ, 2017, p. 45). O corpo que escreve é o corpo que lembra. Os movimentos oralizados, corporificados e estéticos em sua escrita acompanham um ritmo que pulsa como roda de fundo de quintal: “O egun da palavra enquanto não encarna não me deixa fazer mais nada” (RODRIGUEZ, 2023, p. 53). A evocação de egun, desloca a palavra de um mero signo linguístico para o plano do espiritual e do comunitário. Antes de ser escrita, ela precisa baixar, tomar corpo, acontecer no axé. Rodriguez afirma que a palavra só se realiza quando encarnada, ou seja, quando o corpo se torna veículo das memórias que retornam para orientar o presente. Assim, a escrita acontece como mediação entre vivos e ancestrais, como continuidade do sopro que atravessou gerações.

Em Mata Doce, Luciany Aparecida transforma a palavra em mandinga: escrita que se move para escapar do aprisionamento colonial, encarnada no corpo de Filinha Mata-Boi, onde a resistência se inscreve. Quando a narrativa afirma que: “Mas ela, dominante, tomou a direção do movimento” (APARECIDA, 2022, p. 6), evidencia-se que é o gesto quem decide o sentido da história, e não a ordem patriarcal que tenta contê-la. O chão, manchado de sangue e de luta, torna-se território de inscrição negra: “o boi tremeu. Outra porrada e a definitiva queda” (APARECIDA, 2022, p. 6), marcando o texto pela corporeidade da experiência diaspórica. A literatura assume a ginga da capoeira: recusa a literalidade e se faz estratégia de sobrevivência. Nesse movimento, o corpo lembra o que tentaram apagar e escreve sua própria narrativa: “agora sou Filinha Mata-Boi” (APARECIDA, 2022, p. 6), fazendo do nome um golpe e do gesto um texto. A ruptura com o código da tradição: “matar boi era tradição de homem, mas naquele alvorecer, Maria Teresa estreava uma nova tradição” (APARECIDA, 2022, p. 6) desloca sentidos de poder e reconfigura hierarquias coloniais. Assim, a escrita de Luciany aproxima-se do fundamento da Literaginga: o pensar que nasce no corpo, que corta, que ginga e que se afirma como reexistência. A autora representa a negritude, também, ela a performa, sua literatura age, provoca, desequilibra e exige do leitor um corpo em jogo para acompanhá-la.

Em Calila das Mercês, o verbo também é cura e sobrevivência, palavra que age no corpo e pela pele. A configuração semântica em oralidade emerge da vida miúda, no cheiro da alfazema, no “bolo de terra” preparado com alegria infantil para bichos e vizinhança, gesto que transforma a brincadeira em comunidade (MERCÊS, 2021, p. 16). A cadência do texto acompanha a dor contada aos poucos, com pausas, num fluxo de respiração infantil: “Estava branca. Branca de pó de giz. Foram nove marretadas na cabeça” (MERCÊS, 2021, p. 18). A palavra aqui se move como corpo que cai e levanta, como capoeira que se protege e devolve o

golpe: “Mainha. É que. Eu não. Consegui. Segurar no três. Eu sei. Não vou. Chorar. A pró disse. Que mocinha. Não. Chora.” (MERCÊS, 2021, p. 21). O texto ginga contra a disciplina colonial que açoita corpos negros desde a infância. A mandinga surge como tecnologia de cuidado ancestral: a avó que “reza de folha, tira olho grosso” e “te deixa sadia” (MERCÊS, 2021, p. 17) constitui uma ética de permanência que bell hooks reconhece como prática radical de amor. No rito das rezas, no cheiro da terra, no corpo marcado.

Reunidas na roda da Literaginga, essas autoras mostram que a literatura negro-brasileira contemporânea não pode ser lida apenas pelos mesmos parâmetros que moldaram a crítica tradicional. Em Rodriguez, Aparecida e Mercês, o texto não é objeto; é sujeito. Ele tem axé, tem ginga, tem memória e tem jogo. Suas escritas são instrumentos que tocam e corpos que se movem. Portanto, a roda girada por Maria Dolores Rodriguez, Luciany Aparecida e Calila das Mercês afirma outra tradição literária, feita de ginga, improviso e risco. Esta literatura não pede licença ao cânone: atravessa-o com o brilho do improviso, com a estratégia do desvio e com a voz que sabe de onde veio e para onde quer ir. Ler essas obras, pela Literaginga, é aceitar ser convocado para entrar na roda como corpo que escuta, que dança e que responde. É, enfim, um método crítico que transforma a leitura em prática de reexistência. Assim, ao analisar essas três obras em diálogo com as categorias da Literaginga, evidencia-se que estamos diante de um paradigma de leitura que não pode ser reduzido a nomenclaturas genéricas como “escrita feminina” ou “literatura marginal”. A crítica literária, quando se propõe a atravessar essas obras, precisa também se arriscar a gingar: deixar-se afetar pelos deslocamentos, reconhecer a ancestralidade como método, assumir a oralidade como epistemologia. Dolores, Luciany e Calila escrevem porque precisam reescrever suas narrativas, e narrar é sempre uma forma de estética.

Espera-se demonstrar que as categorias constituem instrumentos relevantes para a análise das textualidades negras contemporâneas, oferecendo novas possibilidades interpretativas. Espera-se, igualmente, contribuir para o fortalecimento das discussões em torno da literatura de autoria negra brasileira, evidenciando que essas produções convocam outras formas de conhecimento e de elaboração crítica. A emergência da literaginga, nesse sentido, representa uma tentativa de responder a essa convocação, reconhecendo que determinadas experiências estéticas exigem novas maneiras de ler.

Assim, das rodas às páginas, a literaginga propõe uma crítica que aprende com o balancê. Uma crítica que compreende que o conhecimento não se produz na imobilidade, mas no movimento; que entende a leitura como encontro; e que reconhece na ancestralidade, na oralidade e na corporeidade não elementos periféricos, mas fundamentos de uma racionalidade

outra.

REFERÊNCIAS

PARECIDA, Luciany. **Mata Doce.** São Paulo: Alfaguara, 2023.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira.** Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 202

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória.** Letras, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, jun. 2003.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

MERCÊS, Calila das. **Planta Oração.** Salvador: ParaLeLo13S, 2021.

RAVETTI, Graciela. **Narrativas performáticas.** In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (org.). Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. p. 47-68.

RODRIGUEZ, Maria Dolores Sosin. **Oblíqua glosa.** Salvador: Segundo Selo, 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô.** Petrópolis: Vozes, 2017.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

